



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

**UMA VISÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO ENLUTAMENTO POR
SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME CLOSE**

SOFIA PIMENTEL SERRA

SÃO PAULO

2024

SOFIA PIMENTAL SERRA

**UMA VISÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO ENLUTAMENTO POR
SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE DO FILME CLOSE**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para a graduação no Curso de Psicologia sob
orientação da Prof^a. Dra. Miriam Raquel Wachholz
Strelhow.

SÃO PAULO

2024

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me proporcionou a oportunidade de seguir a formação de minha escolha e pelo apoio incondicional ao longo de todo o meu percurso acadêmico.

À minha querida orientadora Prof^a. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow, pela dedicação, orientação e paciência ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Nichan Dichtchekian, que despertou em mim a paixão pela psicologia fenomenológico-existencial e pela análise fílmica.

Aos meus amigos da infância e da adolescência que inspiram tantos dos meus projetos.

Ao Otto Siqueira pelo amor e pela parceria que foram fundamentais para o meu crescimento nos últimos cinco anos.

A todas as crianças e adolescentes com os quais tive a oportunidade de conviver durante meus estágios, cujas experiências enriqueceram e marcaram profundamente a minha trajetória profissional.

A todos, que de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

SERRA, S.P. Uma visão fenomenológico-existencial do enlutamento por suicídio na adolescência: Uma análise do filme Close. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, FACHS-PUCSP, 2024.

Orientadora: Miriam Raquel Wachholz Strelhow

Este estudo buscou compreender o fenômeno do luto frente ao suicídio de um amigo e seus desdobramentos na existencialidade do adolescente. A investigação deste fenômeno se deu através de uma análise do filme “Close” (2022) embasada no pensamento fenomenológico proposto pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Os objetivos específicos foram analisar a relação de amizade de Leo e Remi; compreender a vivência de Leo frente ao suicídio de Remi a partir da perspectiva fenomenológica e identificar os desdobramentos da experiência vivida na existencialidade de Leo. O estudo se caracteriza como qualitativo, elaborado a partir de uma análise documental do filme, que seguiu os seguintes passos: contato com o material de análise, descrição, compilação em unidades de significado e análise destas últimas. Nos resultados foi possível observar como o processo de construção de identidade na adolescência de Leo é impactado pela perda de um ente querido, fazendo com que o sujeito reavalie a sua forma de ser-no-mundo e permitindo a construção de um modo de ser mais autêntico. Destacou-se que o enlutamento por suicídio, o qual é estigmatizado, suscitou em Leo sentimentos complexos e contraditórios, como a culpa, a raiva, a saudade e o alívio. Assim, o isolamento e o silêncio aparecem como estratégias para processar esta perda, mas é apenas com a retomada dos vínculos afetivos e com a resignificação da sua relação com o falecido que o protagonista conseguiu seguir adiante.

Palavras-chave: fenomenologia, análise existencial, luto, suicídio, adolescência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Adolescência: Concepções contemporâneas e a compreensão fenomenológico- existencial	2
1.2. Suicídio: Definição e dados epidemiológicos	6
1.2.1. Suicídio na adolescência: Fatores de risco	8
1.3. Luto: Concepções Contemporâneas	10
1.3.1. Morte e Luto: Uma compreensão fenomenológico-existencial	12
2. OBJETIVO	17
3. MÉTODO	18
3.1. Material de Análise – Resumo do Filme	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1. Identidade.....	20
4.1.1. A amizade infantil.....	20
4.1.2. Ser “todos” é ser “ninguém”.....	21
4.1.3. A angústia como caminho para a autenticidade.....	24
4.2. Luto.....	26
4.2.1. A intensidade dos sentimentos.....	26
4.2.2. A Culpa.....	28
4.2.3. A busca por respostas.....	31
4.2.4. Silêncio e Solidão.....	32
4.2.5. A rede de apoio.....	33
4.2.6. A Saudade.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

No contexto da pandemia e pós-pandemia, as discussões sobre o lugar da morte e do luto na sociedade ocidental contemporânea tornaram-se mais frequentes dentro e fora do ambiente universitário. Sendo assim, a autora se interessou pela temática logo no início de sua graduação e, tendo em vista a centralidade da morte no pensamento fenomenológico heideggeriano, percebeu a relevância desta perspectiva para a compreensão do luto. Ademais, as aulas da matéria Psicologia do Desenvolvimento III sobre a adolescência, assim como o estágio realizado no Instituto Ana Rosa com foco na prevenção de sofrimento mental com adolescentes despertaram na autora o interesse pelas questões de saúde mental que acometem adolescentes na atualidade. O filme *Close* (2022) foi escolhido por retratar o luto na adolescência frente ao suicídio de maneira delicada e sensibilizada, destacando como o processo de enlutamento se dá de forma não-linear e, muitas vezes, silenciosa, o que gera uma parcela ainda maior de sofrimento. Além disso, ao longo da elaboração da análise, mostrou-se extremamente sensível a questões da adolescência, especialmente no que diz respeito à formação da identidade, que ganha destaque nesse período do ciclo vital.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas a morte ocupa um lugar de tabu, sendo sua realidade irrecusável e imprevisível frequentemente negada em busca da neutralização do sofrimento (Freitas, 2013). Assim, pode-se observar que as mortes na atualidade são evitadas a todo custo, utilizando-se inclusive de técnicas artificiais para manter pessoas em estado vegetativo. Concomitantemente, a fuga da morte também se mostra na maneira solitária e impessoal em que se morre na atualidade: frequentemente sozinho em um hospital com recursos artificiais. Tal tendência do homem na atualidade de se esquivar de qualquer tipo de angústia, buscando a todo custo não ter de entrar em contato com o caráter finito de sua própria existência, se demonstra também na supressão dos ritos fúnebres e da exigência de uma certa discrição emocional por parte do enlutado.

Assim sendo, a negação da morte e a repressão do enlutamento na atualidade acaba dificultando o processo de luto, impedindo que ele seja vivenciado em sua totalidade, o que acaba por vezes resultando em um luto complicado e patológico (Freitas, 2013). Especificamente, na atualidade observa-se um aumento de mortes por suicídio entre jovens de 15 a 19 anos (OMS, 2019), e conseqüentemente, os casos de luto frente ao suicídio na adolescência também aumentaram.

Em uma perspectiva fenomenológico-existencial a adolescência pode ser entendida como “o jovem sendo lançado naquilo que foi sua condição mais própria desde sempre: o que somos jamais se esgota no presente, sempre se dirige ao futuro” (Freire, 2007, p.8). Assim, com a chegada de um futuro incerto e a conseqüente tomada de consciência de sua condição existencial finita, o adolescente depara-se com uma nova tarefa: a de ter de cuidar de si mesmo constantemente, precisando assim

construir o seu próprio futuro através de suas próprias escolhas (Gonçalves, 2015). As novas responsabilidades são sentidas como um peso para o adolescente, o qual passa a adotar comportamentos, muitas vezes de risco, em um esforço para tornar a sua condição mais suportável (Freire, 2007).

À vista do contexto atual de silenciamento do luto e levando em consideração a crise desencadeada pela chegada do futuro na adolescência, o enlutamento diante do suicídio pode gerar repercussões ainda mais intensas e desafiadoras nesse momento do ciclo vital. A falta de uma elaboração adequada da perda e de uma ressignificação da relação com o ente perdido pode acabar gerando intenso sofrimento e sentimentos de culpa e desamparo. Por outro lado, partindo-se de uma perspectiva fenomenológico-existencial, ao deparar-se com o próprio caráter temporário de sua existência através da morte do outro, o enfrentamento e a superação do luto também podem trazer contribuições benéficas para a vida do adolescente, uma vez que é a consciência da sua própria finitude que torna possível um modo de ser mais autêntico, possibilitando um maior aproveitamento de cada momento da vida, que torna-se especial e único (Werle, 2003).

Outrossim, é necessário ressaltar que o luto é considerado um fator de risco para o suicídio na adolescência (Braga; Dell’Aglia, 2013). Além disso, a perda de um ente querido por suicídio é um agravante, uma vez que para o adolescente em sofrimento, o suicídio pode parecer um meio de resolução de conflitos.

Portanto, justifica-se a realização deste trabalho uma vez que adolescentes que perderam colegas ou familiares por suicídio estão tornando-se cada vez mais comuns, aumentando as chances de o psicólogo deparar-se com estes tipos de caso em seus respectivos campos de atuação (OMS, 2019). Dessa forma, uma compreensão mais aprofundada dos sentidos e significados da perda por suicídio na adolescência pode enriquecer a formação do psicólogo, assim como favorecer a criação de estratégias de suporte para estes adolescentes.

1.1. Adolescência: Concepções contemporâneas e a compreensão fenomenológico-existencial

A adolescência é compreendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma fase do desenvolvimento humano que apresenta delimitações cronológicas, físicas e socioculturais (OMS, 2009). A OMS coloca a adolescência como a fase que engloba as idades de 10 a 19 anos, sendo este dividido em duas etapas: A pré adolescência, que ocorre entre os 10 e 14 anos, e a adolescência, que

ocorre dos 15 aos 19 anos. Enquanto a pré-adolescência é marcada pelas primeiras mudanças físicas e hormonais, assim como a maturação cognitivo e sexual, a adolescência compreende a integração social onde se têm uma necessidade de enfrentamento de suas limitações e desenvolvimento saudável (OMS, 2009). Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

À vista disso, a adolescência pode ser concebida como um período de “transição no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta que envolve mudanças físicas cognitivas, emocionais e sociais, e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos” (Papalia; Martorell, 2022, p.321).

Nesse sentido, tal fase do desenvolvimento é caracterizada por grandes mudanças biopsicossociais. É um período em que as concepções infantis são desconstruídas, em que o indivíduo busca concomitantemente a independência e a necessidade de pertencimento e integração social. No âmbito psicossocial, ocorrem alterações nas relações escolares, uma intensa exploração de sentimentos variados, o desejo de conquistar autonomia em relação à família, bem como a inclinação para experimentar novos comportamentos e experiências, muitas vezes desafiando crenças e ideias preestabelecidas. Ademais, no que diz respeito aos aspectos biológicos, é na adolescência que ocorre a puberdade, período em que ocorrem diversas alterações corporais físicas e hormonais e que culmina na maturação sexual (Silva et al., 2021).

A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, a qual busca a compreensão dos fenômenos tal como são experienciados, não interpretando as experiências através de conceitos pré-concebidos (Borba, 2010 apud Oliveira; Borba, 2019), é difícil definir a adolescência como uma só, dado que cada pessoa a experiencia de uma maneira singular. No entanto, é possível compreender a adolescência fenomenologicamente através da questão do tempo, uma vez que é na adolescência que inaugura-se a preocupação com o futuro (Freire, 2007).

Freire (2007) afirma que a partir de um olhar fenomenológico, a infância é caracterizada por uma entrega completa ao presente imediato. Esta característica se mostra, por exemplo, na dificuldade que os adultos muitas vezes têm de interromper as brincadeiras infantis, uma vez que a criança não compreende completamente que em um futuro próximo ela poderá retornar a brincadeira. Assim, segundo o autor, a criança não entende o futuro com um problema que lhe é próprio, não se preocupa com ele, se ocupando apenas do que está fazendo no aqui e agora. Nesse sentido “(...) nosso desenvolvimento será marcado pela aquisição paulatina do tempo futuro enquanto questão humana a ser enfrentada” (Freire, 2007, p.4), e tal aquisição inicia-se de maneira mais intensa na adolescência. Dessa forma:

“O que chamamos de adolescência é a transformação do futuro em assunto da própria conta. O futuro deixa de ser apenas um tempo que ‘um dia chega’ para tornar-se uma questão que jamais irá abandoná-la, exigindo, sempre, resposta e atitude. Este fenômeno, em nosso entendimento, marcará o início do que os psicólogos denominam ‘adolescência’” (Freire, 2007, p.5).

À vista disso, o adolescente ganha um passado e um futuro, uma nova condição que terá de ser cuidado por ele mesmo. Com isso, lhe é concedida uma maior liberdade, uma vez que, por não estar completamente absorto no presente, ele está ante a tarefa de cuidar melhor de si. No entanto, esse ganho de liberdade não é vivenciado de maneira apenas benéfica uma vez que a chegada do passado e do futuro também resulta na descoberta da finitude de sua existência. Tal descoberta é especialmente angustiante em uma sociedade contemporânea em que não há uma cosmogonia que restitua sentido à existência humana. Dessa forma, o adolescente busca recuperar o equilíbrio perdido com esta tomada de consciência do caráter transitório de sua existência e da irreversibilidade da morte. Estes esforços aparecem em forma de crises e atitudes características da adolescência, como por exemplo, a exposição excessiva a riscos, a qual pode ser compreendida como uma negação do caráter finito da vida (Freire, 2007).

Ademais, tendo em vista que a postura fenomenológico-existencial compreende o ser humano como responsável pela sua própria existência, a adolescência também pode ser entendida como um momento de inauguração das escolhas, uma vez que ao sair do mundo da infância surgem diversas possibilidades diante do indivíduo, o qual agora já não pode mais ter suas escolhas realizadas pelo outro que lhe é familiar mas deve responsabilizar-se pelas suas decisões (Gonçalves, 2015).

Dessa forma, a postura fenomenológico-existencial compreende que o ser-aí, termo utilizado por Heidegger e que representa a forma específica de existir do ser humano, é determinado pelas escolhas que são realizadas diante das infinitas possibilidades, uma vez que elas refletem a nossa forma de viver no mundo (Gonçalves, 2015). Sendo o adolescente pela primeira vez convocado a responder a diversas questões existenciais que dizem respeito aos seus valores sociais, orientação sexual, identidade de gênero, e interesses no geral, ele constrói a sua identidade a partir das respostas que ele dá a tais questões, ou seja, a partir de suas escolhas. No entanto, ao ser livre para realizar as suas próprias escolhas, o ser humano também é prisioneiro das consequências, assim vivendo sempre acompanhado de angústia. Nesse sentido, com a inauguração das escolhas, também se inauguram as incertezas, a insegurança e o temor do porvir (Dos Santos, 2017). Uma vez que o adolescente é exposto à responsabilidade por si próprio, ele também é exposto à falta de garantias que a vida

oferece, sentindo-se angustiado diante das possibilidades de escolha e da necessidade de dar sentido à sua própria existência.

Nesse sentido, “o adolescente é aquele que foi apresentado à condição humana de existir (...)” (Freire, 2007, p.6). Assim sendo, ele passa a compreender que seu ser é uma tarefa, que ele não é uma realidade acabada mas sim que ele requer cuidado constante e que tal cuidado é de sua responsabilidade. Tal tarefa existencial é frequentemente sentida pelo jovem como sendo onerosa, uma vez que é encarregado a ele a tarefa de dar conta do próprio futuro em uma sociedade em que são infinitas as possibilidades, inclusive a do fracasso. À vista disso, as fantasias sobre o futuro, as quais são comuns nessa faixa etária, servem para o autoconvencimento do jovem de que seu futuro não será tão adverso ou difícil, assim proporcionando alguma tranquilidade quanto ao futuro que é tão imprevisível. Um exemplo disso, é o fato de os jovens buscarem distanciar-se da morte, imaginando que ela está tão longe de acontecer que talvez nem seja necessário preocupar-se com ela (Freire, 2007).

Isto posto, o adolescente é simultaneamente repreendido quando age de maneira infantil e restringido de fazer certas coisas que cabem aos adultos: É uma cobrança constante que resulta em um mal-estar permanente. A construção de sua identidade é um período de grande inquietação pois ele depara-se com um mundo de infinitas possibilidades, mas sem a capacidade de explorar e experimentá-las por completo. Dessa forma, o adolescente encontra-se em um momento de grande instabilidade por não ter experiência de vida, assim não possuindo certeza alguma do futuro, mas mesmo assim precisando agir visando um futuro adulto que lhe é estranho. A passagem da infância, fase de proteção, para uma vida adulta, em que o indivíduo é exposto ao mundo por conta própria, é geradora de grande angústia para o adolescente (Gonçalves, 2015).

Outra característica do adolecer é o luto pelo corpo e identidade infantil e o luto de uma visão idealizada de seus pais (Dos Santos, 2017). Essas perdas é que tornam necessária a reorganização do ser-aí para a constituição de sua identidade. Concomitantemente ao distanciamento do indivíduo em relação aos seus pais, surge também a necessidade de socialização, de adequação e de pertencimento a determinados grupos sociais. Sendo o ser-aí um ser que se constitui através da sua relação com os outros e de sua relação com o mundo, o adolescente sente uma grande pressão para se conformar a determinados padrões e expectativas sociais de modo a sentir-se pertencente a um grupo. Assim, torna-se um desafio a construção de uma identidade própria autêntica, ou seja, de um modo de ser que vai de acordo com as suas próprias singularidades e potencialidades (Heidegger, 1986 apud Cabestan; Lamelo, 2010).

Ainda, sendo o ser humano um ser-com-o-outro, a formação da identidade é atravessada pelo contexto sociocultural em que o indivíduo se insere. Isto é ressaltado, por exemplo, nas questões de gênero. No caso do ser homem, faz-se importante conceber a masculinidade hegemônica como significador para o projeto de ser “homem” para cada indivíduo (Oliveira, 2022). Nesse sentido, a masculinidade hegemônica dita o modo de ser homem através da hierarquia de subordinação das mulheres aos homens. Assim, as características e ideais socialmente dominantes que definem modos de ser esperados para os homens, são valorizados e impostos a eles. Algumas dessas características são: “estabilidade emocional, atividade, competitividade, liderança, dominância, força física, virilidade, heterossexualidade, status social, capacidade produtiva e prontidão sexual” (Oliveira, 2023, p.13). Então, desde a infância os meninos são incentivados a adotarem comportamentos que se encaixam neste padrão de masculinidade, o que inclui rejeitar quaisquer características consideradas femininas. Os sujeitos os quais não constroem as suas identidades seguindo tais padrões têm as suas diferenças evidenciadas e são categorizados como “abjetos”, sendo marginalizados e excluídos pelos seus modos de ser.

A necessidade de pertencimento a um grupo e o fascínio por ídolos também são importantes para o jovem porque permitem ao adolescente acreditar em sua própria viabilidade, a qual é abalada pela chegada do futuro. Assim, o fato do ídolo, assim como os seus pares, ter passado por certos desafios, confirma para o jovem que ele também tem a possibilidade de enfrentar tais desafios. Ademais, para lidar com a sua nova condição existencial, outros fenômenos comuns na adolescência, como a intensa experiência amorosa e o uso de drogas, de modos diferentes, permitem que o jovem se coloque próximo aquela realidade atemporal da infância, sendo assim contagiado pela imediatez e recuperando uma espécie de eternidade (Freire, 2007).

Com tantas rupturas, conflitos e mudanças que são acompanhadas pela aparição de novas inseguranças e angústias, a adolescência é um período propício para o surgimento de várias questões relacionadas à saúde mental, o que inclui o comportamento suicida.

1.2. Suicídio: Definição e Dados Epidemiológicos

O suicídio pode ser definido como o autoextermínio intencional do indivíduo. Dessa forma, o comportamento suicida pode se manifestar de três diferentes formas: ideação suicida, caracterizado por pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar, a tentativa de suicídio e o suicídio consumado (Franklin et al., 2017, apud Fernandes et al., 2020). Atualmente o suicídio é responsável

pela morte de mais de 800 mil pessoas anualmente, representando uma morte a cada 40 segundos (OMS, 2014).

De acordo com um estudo de 2019 da OMS, o índice de suicídio decaiu na maior parte do mundo entre os anos de 2000 e 2019. Tal fato decorre em grande parte do controle governamental sobre o acesso aos meios de se cometer suicídio, como por exemplo armas de fogo e pesticidas (Kölves; De Leo, 2015). Ademais, o incentivo à programas de conscientização e desestigmatização relacionados à saúde mental e programas específicos de prevenção ao suicídio em escolas e outras instituições, assim como a maior acessibilidade à serviços de saúde mental também são fatores que podem ter contribuído para a diminuição global do índice de suicídio (Bonadiman; Naghavi; Melo, 2019).

No entanto, este declínio não se observa nas Américas, cuja taxa de suicídio por 100 000 habitantes aumentou de 7,73 em 2000 a um índice de quase 9 em 2019 (OMS, 2019). No Brasil, essa tendência também se observa, entre 2016 e 2019 o índice subiu de 5,67 à 6,41 (OMS, 2019), o que se dá em grande parte em razão de fatores socioeconômicos, como o desemprego e a desigualdade social (Bonadiman; Naghavi; Melo, 2019). Ainda de acordo com a OMS, tratando especificamente da faixa etária dos 15 aos 19 anos, o índice de suicídio no ano de 2019 foi mais alto no Brasil o que em outros países da América Latina, como por exemplo no Chile e no Peru, o que pode indicar uma ineficiência dos atuais esforços de prevenção ao suicídio no país.

Em outro estudo, o qual aborda a tendência ao suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016, chegou-se à conclusão que a mortalidade por suicídio mostrou tendência ascendente no período estudado, com aumento de 1,35% ao ano (Fernandes et al., 2020). O aumento pode estar associado em partes, à melhoria do registro desse tipo de mortalidade, assim como às crises econômicas que acometeram o país nas últimas duas décadas, as quais impactaram de maneira mais intensa adolescentes que já estavam em situação de vulnerabilidade (Kölves; De Leo, 2015). Ademais, o estudo também verificou que a taxa de mortalidade foi maior entre adolescentes do sexo masculino, dado que está de acordo com o último estudo realizado em 2019 pela OMS, o qual concluiu que a taxa de suicídio por 100 000 habitantes no Brasil em 2019 foi de 10,32 para indivíduos do sexo masculino, e de 2,76 para indivíduos do sexo feminino. Esta discrepância pode decorrer: “da maior propensão ao abuso de álcool, da escolha de métodos mais letais na tentativa, da maior inclinação para violência e de comportamentos externalizantes.” (Geulayov et al., 2018 apud Fernandes et al., 2020, p.6).

À vista destas informações e o fato de que o suicídio é a quarta maior causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos (OMS, 2019), faz-se necessário abordar os fatores envolvidos nesse fenômeno na adolescência.

1.2.1. Suicídio na adolescência: Fatores de risco

Os principais fatores que podem acarretar em uma maior vulnerabilidade em relação ao comportamento suicida são: a depressão, o alcoolismo, suicídio de um familiar de primeiro grau, sexo masculino, impulsividade, isolamento social e um histórico de tentativas de suicídio (Hirata, 2024). Mais especificamente em relação aos adolescentes, muitos estudos consideram os seguintes fatores de risco como significantes:

(...) depressão, desesperança, solidão, tristeza, preocupação, ansiedade, baixa autoestima, agressão por parte de pais e amigos, pouca comunicação com os pais, ser abusado fisicamente na escola, uso de substâncias, pessoa conhecida com tentativa de suicídio, e, pertencer ao sexo feminino (Moreira; Bastos, 2015, p.450).

O suicídio na adolescência e os fatores de risco a eles associados podem ser em parte explicados pela dificuldade no enfrentamento das exigências sociais e psicológicas impostas nesse período. Assim, devido a estas dificuldades, as ideias de morte muitas vezes surgem como uma estratégia dos adolescentes para lidar com as suas questões existenciais, como por exemplo a questão do sentido da vida e da morte. Dessa forma, as demandas impostas pela fase do ciclo vital em que se encontram podem ser consideradas como um fator de risco, principalmente se o adolescente não tiver uma rede de apoio capaz de auxiliá-lo no enfrentamento de tais exigências (Braga; Dell'Aglio, 2013).

Nesse sentido, a solidão é um sentimento muito comum entre jovens que possuem ideação suicida (Braga; Dell'Aglio, 2013). À vista disso, Prieto e Tavares (2005) constataam que a falta de convivência com outros jovens ou a rejeição por parte dos colegas na adolescência pode ser um fator de risco, uma vez que as trocas afetivas reduzem o impacto de experiências adversas. Dessa forma, os relacionamentos interpessoais fora do ambiente familiar podem ser considerados como um fator de proteção para o suicídio, dado que as amizades possibilitam que os adolescentes dividam suas experiências e angústias, assim diminuindo o risco de desenvolverem problemas emocionais, comportamentais ou afetivos acarretados pelo isolamento social.

Especificamente sobre a depressão, identifica-se como alguns dos sintomas a desesperança, sentimentos de tristeza, falta de motivação, diminuição do interesse ou prazer, problemas de sono,

dentre outros. Tais sintomas podem prejudicar imensamente a qualidade de vida do indivíduo e, portanto, estão frequentemente associados à ideação suicida e às tentativas de suicídio (Freitas; Botega, 2002). De maneira semelhante, o uso de substâncias psicoativas também está associado a pensamentos autodestrutivos e comportamento suicida em adolescentes (Esposito-Smythers; Spirito, 2004). Essa relação também varia com a frequência e intensidade do uso de drogas, uma vez que essas substâncias podem alterar os estados de consciência e os processos de pensamento.

Os adolescentes em situação de pobreza estão mais vulneráveis ao comportamento suicida, uma vez que a falta de emprego, o estresse econômico e a instabilidade familiar podem aumentar a ansiedade que já é frequente nesse período. Dessa forma, como a população rural geralmente possui uma situação econômica mais desfavorável, assim como menos acesso a serviços de saúde e de suporte social, essa população está em maior risco do que a população urbana (Braga; Dell'Aglio, 2013).

Também se compreende como importante fator de risco a exposição à violência, em especial a violência intrafamiliar, uma vez que nessa faixa etária o indivíduo geralmente ainda mora com os pais e, portanto, depende deles financeiramente e emocionalmente. A violência doméstica é comum na adolescência e pode desencadear diversos sintomas físicos, psicológicos e sociais, contribuindo de forma significativa para a manifestação do comportamento suicida em adolescentes (Sá et al., 2009 apud Braga; Dell'Aglio, 2013). Assim como a violência é um fator de risco, um bom relacionamento com os pais é considerado um dos principais fatores protetivos (Braga; Dell'Aglio, 2013). Isso ocorre porque os adolescentes com melhores relações com os pais geralmente possuem níveis mais altos de autoestima e assim possuem maior facilidade em lidar com conflitos e desafios. Além disso, uma maior confiança nos pais torna mais provável que o adolescente peça ajuda em caso de sofrimento psíquico.

Ademais, Braga e Dell'Aglio (2013) citam diversos outros estudos referentes a fatores de risco para o suicídio, como, por exemplo, o histórico de suicídio na família e a perda recente de uma pessoa amada. Tal relação entre suicídio e conhecer alguém que se suicidou é chamada de comportamento de imitação ou contágio (Mercy et al., 2001). Esse comportamento pode ocorrer tanto por conhecer intimamente a pessoa que cometeu o ato suicida como pela divulgação de notícias de outras pessoas que se suicidaram. No entanto, esse contexto torna-se mais grave se o adolescente tiver presenciado a história de suicídio de um ente amado, uma vez que ele passa a considerar o suicídio como meio de resolução de conflitos.

Dessa forma, tendo em vista que o enlutamento por suicídio pode ser considerado como fator de risco para o suicídio na adolescência, assim como o fato de o número de casos de suicídio

adolescente ter aumentado de maneira alarmante no Brasil e em outros países das Américas (OMS, 2019), faz-se relevante o estudo da maneira como se dá o luto por suicídio na adolescência.

1.3. Luto: Concepções contemporâneas

Atualmente ainda existem muitas divergências na forma de se compreender o luto, sendo ele ora compreendido como um processo normal, ora como uma psicopatologia (Freitas, 2013). No DSM-5, um dos principais manuais utilizados como base para a definição de doenças psiquiátricas e referência para práticas clínicas, o diagnóstico do luto envolve o sentimento de vazio e perda como afeto predominante (Franco, 2022). Vale ressaltar que em edições anteriores, o luto era considerado como critério de exclusão para transtornos depressivos, mas que atualmente o diagnóstico de depressão em enlutados e sua consequente medicalização é possível. Dessa forma, o DSM-5 coloca o luto como patologia, inclusive o apresentando como transtorno na Seção III (Condições para Estudos Posteriores), sob a denominação de Transtorno do Luto Complexo e Complicado.

A visão contemporânea do luto como patologia começa a fazer sentido quando observamos o contexto sociocultural em que tal visão se fortalece: um mundo em que se busca cada vez mais ocultar tudo aquilo que diz respeito à morte, suprimindo os ritos, evitando a angústia e buscando a neutralização do sofrimento. A negação do luto se explicita em “(...) práticas sociais como, por exemplo, a imposição da volta ao trabalho após sete dias, como se houvesse um período pré-determinado para a passagem por esse processo” (Freitas, 2013, p.98). Nesse sentido, a morte é tratada como tabu, e assim, é frequentemente exigido das pessoas que passam pelo processo de enlutamento a discrição de suas emoções. Com isso, o luto passa a ser percebido cada vez mais de maneira patológica, deixando de ser percebido como algo natural e passageiro, uma vez que não é permitido que ele seja vivenciado em sua totalidade (Freitas, 2013).

Por outro lado, de maneira paradoxal, a mídia retrata a morte como um espetáculo fantástico, desvinculado das existências individuais, de maneira a evitar a presença universal e irrefutável da morte, assim como as questões que dela decorrem (Kóvacs, 2008). Nesse sentido:

É o freak show da atualidade. A efemeridade da existência e sua marca fundamental, a angústia, são deslocadas da experiência vivida para o silêncio do tabu ou para o espetáculo do bizarro, como se sua ocorrência fosse um acidente estranho e evitável. Essa é a morte interdita, aquela percebida na atualidade como fracasso (Freitas, 2013, p.98).

No entanto, alguns autores questionam essa visão patologizadora do luto, o compreendendo como uma reação normal à perda (Franco, 2022). Para Engel, o luto pode ser entendido como “a resposta característica à perda de um objeto valorizado, seja este uma pessoa amada, um objeto especial, um emprego, status, casa, país, um ideal, uma parte do corpo” (Engel, 1961, p.18 apud Franco, 2021, p.46). Nesse sentido, o luto é um processo que decorre da perda de alguém significativo ou do rompimento de um vínculo com uma situação significativa, deixando marcas profundas em sua história de vida (Franco, 2021).

Dentro do campo da psicologia, Freud foi um dos primeiros autores a estudar o enlutamento (Freitas, 2013). Para o autor, o enlutamento é uma vivência normal que ocorre diante da perda significativa de um objeto e que resulta em um empobrecimento do mundo do sujeito (Freud, 2010). Os sintomas do enlutamento seriam os mesmos da melancolia, o que envolveria um profundo desânimo, perda de interesse pelo mundo externo, dificuldade em substituir o objeto idealizado e inibição da atividade geral. No entanto, diferentemente do enlutamento, na melancolia a autoestima seria prejudicada. À vista disso, para Freud, diante da perda o enlutado poderia ou tornar-se melancólico, ou elaborar a sua perda de maneira bem sucedida, o que implicaria no investimento libidinal em um novo objeto e no desinvestimento do objeto perdido. Dessa forma, diferentemente de outros autores contemporâneos, para o psicanalista não seria possível manter um vínculo contínuo com o falecido, uma vez que isso prejudicaria o processo de superação da perda e de redirecionamento da libido.

Nesse sentido, é possível compreender o luto como uma experiência de perda, a qual inicia-se quando: “uma situação conhecida e significativa cessa, sendo esta um depositário de significados para o indivíduo acerca de si mesmo” (Franco, 2021, p.72). Tal situação conhecida é uma situação em que a pessoa se vê refletida e sente-se pertencente a ela, sendo considerada significativa por se distinguir das demais (Franco, 2022). Nesse sentido, o fato de ser uma situação significativa implica pessoas importantes em seu desenvolvimento, como pais, irmãos, parceiros, amigos e filhos. A cessação dessa situação pode acontecer repentinamente, ou com sinais de aviso, acontecendo independentemente da pessoa que sofre seu impacto ou sendo provocado por ela. Dessa forma, o processo de luto pode ser entendido como um processo dinâmico, plural, e permeável a novas impressões, sendo impossível avaliar a experiência do enlutado sem considerar o seu contexto sociocultural, a sua história de vida e a sua subjetividade.

1.3.1. Morte e Luto: Uma compreensão fenomenológico-existencial

Para compreender a questão da morte e do luto a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, é necessário primeiro apreender a sua concepção de homem. Assim sendo, Heidegger chama o homem de “ser-aí” ou Dasein, termo que abarca o homem “na medida em que existe na existência cotidiana, do dia-a-dia, junto com os outros homens e em seus afazeres e preocupações” (Werle, 2003, p.99). Abrange assim concomitantemente o homem e o mundo no qual sua existência se dá. Nesse sentido, o autor não coloca o homem em uma posição de passividade ou de inércia em relação ao mundo, mas sim compreende que o homem, na medida em que compreende o ser, se coloca no campo da possibilidade, uma vez que ele elabora as possibilidades de sua própria existência (Werle, 2003). No entanto, tal existência é mais frequentemente uma existência inautêntica, uma vez que o homem possui uma interpretação errônea de sua própria existência em razão da tradição.

À vista disso, o ser-aí é um ser-no-mundo, uma vez que o homem está sempre situado em um contexto de vivência no mundo, sendo, portanto, inseparável do mundo e este do homem (Werle, 2003). A forma do homem de estar no mundo é o da existência, o que significa que o homem não está simplesmente lançado no mundo, mas sim o habita, o constrói e é constituído por ele. Ademais, o Dasein habita um mundo com outros e, portanto, a sua existência tem um caráter social. No entanto, é importante ressaltar que para Heidegger, os Daseins não se relacionam apenas a partir do lidar, mas sim por meio da preocupação ou pré-ocupação, no sentido de antecipar a existência do outro, assim assumindo o seu lugar ou o substituindo em seu sofrimento. Dessa forma, o ser-aí esquece a si mesmo e o sentido de sua própria existência, assumindo uma impessoalidade ao se preocupar excessivamente com o outro e com o que este pensa e acha. Nesse sentido:

A vida social é o império do a gente, a ditadura do impessoal, o âmbito em que se confunde o todos nós e o ninguém, na medida em que se age de acordo com o que se pensa em geral. A concepção básica de Heidegger acerca da vida em sociedade é que ela é regida por uma noção obscura de convivência, em que não há sujeitos e sim domina o império do impessoal, de uma sociabilidade truncada, em que nem o eu nem o nós se distinguem. Este impessoal é ele mesmo sem rosto, uma espécie de ninguém que comanda a vida individual e não pode ser identificado com este ou aquele ser humano. Ocorre aqui uma perda do Dasein no espaço aberto da opinião pública [Öffentlichkeit] que tudo devora e nivela por baixo e determina o que cada um deve fazer (Werle, 2003, p.103).

Em relação à forma que o homem se abre para o mundo, esta se dá a partir de uma estrutura tripla que envolve a disposição, a compreensão e a interpretação (Werle, 2003). A disposição, refere-se ao fato do homem estar “lançado em disposições anímicas que indicam a facticidade da responsabilidade de sua existência” (Werle, 2003, p. 103), tais disposições são os sentimentos através dos quais se abre o mundo para o ser-aí. Assim sendo, estando nessa disposição, o Dasein compreende o mundo, mas não inicialmente interpretando-o conscientemente através de conceitos, mas sim é compreendido pelo mundo de maneira totalizante, projetando-o em suas possibilidades de existência. A partir disso, posteriormente ocorre a interpretação através da linguagem e do discurso. Por outro lado, tais possibilidades de abertura ao mundo não são, na maior parte das vezes, assumidas pelo homem, uma vez que o Dasein tende a se encobrir, não assumindo a sua existência.

Diante disso, Heidegger (1989) entende que a angústia é o traço constitutivo da existência do ser-aí, sendo assim um fenômeno existencial da finitude humana. Diferentemente do medo ou do temor, a angústia é um sentimento de estranheza que não se dirige a algo específico, uma vez que o homem se angustia pelo simples estar no mundo. Assim sendo, ao ser tocado pela angústia, o Dasein coloca pela primeira vez a sua existência diante de si, possibilitando um processo de singularização que permite que ele saia de um modo de ser inautêntico e passe a assumir a autenticidade. Para Heidegger, isso se dá porque o estar angustiado permite que o homem tome consciência do caráter temporal e finito de sua existência, assim sendo:

A angústia desperta para a morte, enquanto dado temporal mais significativo da existência, e revela a finitude da existência humana, o fato de que o homem tem um fim, que ele morre e que sua existência acaba, ou seja, remete a um outro conceito fundamental de Heidegger, que é o ser-para-a-morte [Sein-zum-Tode] (Werle, 2003, p.110).

A morte constitui o fim do ser-no-mundo, limitando e determinando as possibilidades do Dasein (Heidegger, 1989 apud Werle, 2003). No entanto, apesar da morte ser o momento do término físico da vida, ela também tem um lado positivo, uma vez que ao assumir o seu ser-para-morte, aceitando o caráter finito de sua própria existência, o Dasein passa a encarar a morte como um problema próprio de sua existência (Werle, 2003). Dessa forma, a tomada de consciência do ser-para-morte faz o Dasein colocar-se diante de seu ser, questionando-se acerca de si mesmo. Nesse sentido, Heidegger entende que “a antecipação da morte singulariza o ser-aí” (1989, p. 263). Tal processo de singularização ocorre porque ao se colocar diante da morte, o homem toma consciência de toda a sua existência, incluindo os seus aspectos passados, presentes e futuros, e assim é capaz de encontrar a

sua própria verdade no tempo. Ademais, o assumir do ser-para-morte também permite que o ser-aí assuma individualmente a sua existência singular, já que a morte é algo que lhe pertence, ou seja, a morte pode gerar no ser-aí uma possibilidade para ele assumir a sua autenticidade. Dessa forma, no processo de luto, o ser-aí, ao experienciar indiretamente a morte no outro que morre, é colocado violentamente diante do caráter finito de sua própria existência, e assim abre-se uma possibilidade para que ele assuma um modo de ser mais autêntico.

Tratando-se sobre o luto, é importante frisar que o ser-aí habita o mundo com outros seres e é essa coexistência que torna o Dasein visível a si mesmo, uma vez que é a partir desse estar em relação que se criam as experiências subjetivas (Freitas, 2013). Tal fenômeno é descrito por Merleau-Ponty a partir do conceito de intersubjetividade, que se refere ao fato de que a articulação das experiências dos Daseins tornam estas mesmas experiências possíveis. A partir dessa concepção, o luto pode ser descrito como: “uma vivência típica em situações de transformação e mudança abrupta nas formas de se dar do ser em uma relação eu-tu” (Freitas, 2013, p. 99). Sendo assim, para compreender-se o luto é necessário compreender o sentido da perda deste outro para a pessoa, assim como o sentido da relação eu-tu, sentidos os quais perpassam, para Freitas (2013), três aspectos: o aspecto particular da relação rompida, o horizonte histórico-cultural no qual se dá a perda e o aspecto transcendental do luto, que envolve a mudança brusca da relação e a supressão da presença do outro.

Em relação aos aspectos particulares da relação eu-tu, destaca-se que a forma como o luto será vivenciado depende, em parte, da qualidade da relação que a pessoa mantinha com o falecido. Nesse sentido, para um adolescente, por exemplo, pode ser mais impactante perder um colega do que algum familiar distante. Já o luto de uma amante pode ser dificultado pela impossibilidade de se manifestar os sentimentos publicamente. Por outro lado, a perda de alguém do núcleo familiar frequentemente exige uma reorganização diante de um novo campo relacional que se impõe, resultando em um rearranjo de relações e de papéis entre os familiares. Sendo assim, as especificidades da relação entre o morto e o enlutado são importantes para descrever o sentido da relação e de sua perda (Freitas, 2013).

No entanto, não é possível utilizar-se apenas da qualidade da relação para alcançar a descrição da vivência do enlutamento, uma vez que é preciso articular as particularidades do luto com o horizonte histórico-cultural em que ele ocorre, horizonte o qual limita e determina o fenômeno da morte e do enlutamento (Freitas, 2013). Dessa forma, mesmo frente ao mesmo acontecimento, que é a morte e sua consequente demanda de significação diante de uma nova configuração relacional, cada sociedade o vivencia de uma maneira particular, dando um significado próprio aos ritos fúnebres que acompanham a morte do ente querido. Nesse sentido, a religião pode ser um fator importante para

compreender a vivência do luto, Franco (2021) aponta a espiritualidade “como recurso no enfrentamento do luto, associada a um melhor ajustamento após a perda, contribuindo para o processo de construção de significado.”. Por outro lado, na sociedade brasileira, as pessoas tendem a vivenciar uma ambivalência quando se deparam com a morte, “vivendo entre a subjetivação das emoções, a necessidade de enfrentamento da morte e da perda e a imposição cultural da discrição sobre as emoções” (Freitas, 2013, p.101).

Ainda observando o horizonte histórico, Freitas (2013) pontua que a partir do século XIX a morte torna-se tabu, com os parentes de doentes escondendo a gravidade de seus estados, e a partir dos avanços médicos do século XX, prolongando as suas vidas com aparelhos, muitas vezes sem o devido consentimento. Atualmente, a morte interdita também se manifesta na neutralização dos ritos funerários, o que impacta diretamente na vivência do luto, processo que passa a ser patologizado e hipermedicalizado. Ademais, os diferentes tipos de morte e o seu significado em meio ao contexto histórico-cultural também influenciam no processo de enlutamento, uma vez que o luto por suicídio, por exemplo, é mais reprimido do que outros tipos de luto. O luto por suicídio, então, pode ser considerado como um luto não reconhecido ou não autorizado, em que os enlutados sentem que não tem o direito de sofrer, uma vez que o luto não é validado socialmente, podendo resultar em um luto complicado (Alves, 2024).

Por último, para descrever a vivência do luto é preciso abarcar a questão da intersubjetividade e a imposição da mudança na apresentação do outro que se dá com a morte (Freitas, 2013). Nesse sentido, retomando o conceito de intersubjetividade de Merleau-Ponty, o outro faz parte o campo da subjetividade, uma vez que ele só existe porque estamos juntos em um mesmo mundo, e portanto, as suas expressões verbais ou gestuais produzem sentido em meu campo existencial, remetendo a minha forma de existir no mundo. Assim, o outro é co-presença, e sua morte produz uma modificação no campo existencial do Dasein, demandando dele uma nova maneira de ser-no-mundo. O luto, então, exige a resignificação da relação com o falecido e a construção de um modo de ser no mundo.

À vista disso, o luto ocorre diante da desapareção da maneira corporal e material do outro apresentar-se (Freitas, 2013). No entanto, essa é apenas uma das formas pela qual o outro se apresenta, haja vista que ele não deixa de fazer parte da existência do enlutado através de lembranças, desejos e momentos partilhados. Nesse sentido, apesar de não compartilhar o mesmo mundo, o outro não deixa completamente de apresentar-se: sua existência é uma presença que se manifesta em sua ausência. Isto posto, o enlutado continua a coexistir com o falecido, porém não mais através da intercorporeidade, mas sim através dos sentidos partilhados os quais permanecem, mas estão desconexos e, portanto, demandam uma nova forma de serem vivenciados ou até mesmo novos

significados. Além disso, uma vez que o outro traz inúmeras significações inerentes ao campo relacional, ele possibilita a apreensão do Dasein de sua própria forma de ser no mundo e, portanto, a própria relação homem-mundo se abala com a morte do outro. Cada relação é única e nos permite ser de uma maneira singular. Essa maneira é perdida com a morte do ente querido, assim perdendo-se uma maneira de se abrir ao mundo, um modo de ser particular daquela relação.

Dessa forma, diferentemente da psicanálise e de outras teorias da psicologia, a perspectiva fenomenológico-existencial não compreende o luto como um evento resolúvel ou superável, uma vez que ela indica a ruptura de um mundo vivenciado que jamais se apresentará novamente (Freitas, 2013). O processo de enlutamento pode ser descrito então como: “um processo normal e esperado de transformação da relação com a pessoa perdida, tarefa que permite sua ressignificação exigida” (Freitas, 2013, p.103). Assim, o luto não se finda com uma resolução mas sim com uma incorporação desta morte na vida do enlutado, o qual segue adiante mantendo o vínculo ressignificado com o ente perdido.

2. OBJETIVO

Objetivo Geral

Compreender o fenômeno do luto frente ao suicídio de um amigo e seus desdobramentos na existencialidade do adolescente através de uma análise do filme *Close* (2022) a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial.

Objetivos específicos

- Analisar a relação de amizade de Léo e Rémi
- Compreender a vivência de Léo frente ao suicídio de Rémi a partir da perspectiva fenomenológica
- Identificar os desdobramentos da experiência vivida na existencialidade de Léo

3. MÉTODO

O método utilizado é o método fenomenológico, o qual consiste no distanciamento reflexivo, no qual o pesquisador deve buscar descrever como o fenômeno se dá, porém mantendo uma certa distância (Forghieri, 2004). Para tal, o pesquisador deve deixar explícito os pressupostos que envolvem o fenômeno, compreendendo assim a sua visão pessoal do mesmo e, a partir de suas vivências, aproximar-se da experiência em questão, aperfeiçoando o seu relato.

O método fenomenológico não se utiliza de pressupostos teóricos, uma vez que através dele é necessário afirmar a experiência como ela se deu, não buscando relações causais ou modelos de explicação. Nesse sentido, a fenomenologia é uma ciência descritiva, que busca descrever vivências em vez de interpretá-las segundo modelos teóricos. Tal fato se dá porque, na fenomenologia, compreende-se que teoria alguma é capaz de ser aplicada inteiramente a um ser humano, pois ela não dá conta da singularidade e especificidade de cada pessoa.

Nesse sentido, a fenomenologia tem a proposta de retornar às coisas mesmas, buscando apreender as experiências diante do fenômeno para, a partir disso, dar um significado àquilo que aparece. Para isso, a fenomenologia pode realizar a análise filosófica dos diferentes modos de aparição de um mesmo objeto, sendo a fonte fílmica uma dessas possíveis aparições de um fenômeno (Amatuzzi, 1996).

Isto posto, este trabalho foi realizado através de uma análise documental do filme “Close” (2022), com foco central nas vivências do protagonista Léo e sua amizade com Rémi, a fim de compreender os desdobramentos do luto frente ao suicídio na existencialidade do adolescente Léo.

Para os procedimentos de análise, foram seguidos os seguintes passos: contato com o material de análise, descrição, compilação em unidades de significado e análise destas últimas (Palu da Silva; Mühl, 2023). O primeiro passo, diz respeito ao primeiro contato com o filme, em que a autora assistiu o filme por completo em uma atitude pré-reflexiva. Em um segundo momento, o filme foi reassistido e a autora realizou a descrição de cenas que poderiam ser pertinentes na representação do objeto estudado. Após a descrição, a autora utilizou os trechos descritos para a compilação das unidades de significado. Por último, foi realizada a análise das unidades de significado a partir da literatura.

3.1 Material de análise - Resumo do filme

No que diz respeito ao material de análise, Close é um longa-metragem de drama belga lançado em 2022. O filme foi coproduzido com a França e os Países Baixos e foi dirigido por Lukas Dhont e coescrito com Angelo Tijssem. O elenco principal é constituído por Eden Dambrine, Gustav

de Waele, Emilie Dequenue e Léa Drucker. Atualmente, o filme está disponível nas plataformas de streaming *Netflix*, *Mubi* e *Apple TV+*.

A trama gira em torno da relação de amizade entre dois meninos de 13 anos, Léo e Rémi. Os dois passam a maior parte do tempo juntos e a amizade é afetuosa e íntima, o que se mostra em cenas dos dois brincando, passeando, confessando segredos e dormindo juntos na mesma cama. Com o fim das férias de verão e o retorno à escola em uma nova sala de aula, a proximidade dos dois acaba atraindo os olhares dos colegas, os quais questionam se os dois são um casal. Léo nega veementemente, mas Rémi permanece silencioso, não respondendo a pergunta. A partir desse momento, para não ser alvo das provocações dos colegas, Léo se afasta de Rémi, o excluindo deliberadamente ao buscar novas amizades e entrar para o time de hóquei da escola. Rémi passa a sentir-se menosprezado pelo amigo, o qual se fecha para qualquer discussão sobre o seu distanciamento. Em um momento do filme, Rémi chega a confrontar Léo sobre a situação e eles acabam brigando. Na sequência observa-se um retraimento total de Rémi, o qual perde o seu apetite, se tranca em seu quarto e passa a ficar distante de sua mãe, com a qual demonstrava uma relação de bastante proximidade anteriormente.

Após uma viagem escolar da qual Rémi não participou, os alunos da escola são informados de que ele cometeu suicídio. Com isso, o filme passa a focar no processo de luto de Léo, o qual sente-se culpado pela morte do amigo e têm dificuldade de lidar com os sentimentos desencadeados pela sua morte, buscando encobri-los no time de hóquei e no negócio de jardinagem dos pais. Pelo fato de Rémi não ter deixado nenhum bilhete, sua mãe ainda está buscando explicações para a sua morte e Léo sente que deveria dizer algo a ela mas não consegue por ter medo de sua reação. No entanto, no início das próximas férias de verão, Léo cria coragem e a visita no hospital em que trabalha e acaba revelando a ela o que aconteceu, dizendo que a morte de Rémi é sua culpa. Inicialmente, a mãe grita para que ele saia, mas logo em seguida corre atrás de Rémi para abraçá-lo enquanto os dois choram juntos. Após um tempo, Léo tenta visitar a mãe de Rémi mas descobre que ela se mudou. Na cena final, Léo corre pelo campo de flores em que corria com Rémi no início do filme, e olha para trás com uma feição de aceitação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta história, o processo de luto do protagonista aparece muito atrelado à construção de sua identidade e à sua vivência da masculinidade. Por conta disso, a análise caminhará no sentido de olhar para a questão do luto, concomitantemente às questões de identidade de Leo, uma vez que elas são indissociáveis.

A análise seguiu uma ordem cronológica dos eventos do filme. Dois temas foram identificados a partir da compilação das unidades de significado. O primeiro tema “Identidade” versa sobre as particularidades da amizade de Leo e Remi e os eventos que culminaram na dissolução da amizade, analisando a forma como esta relação impactou a construção de sua identidade. Ainda, a última unidade de significado “A angústia como caminho para a autenticidade” foca na forma como a perda possibilitou a Leo expressar uma versão mais autêntica de si. Já o segundo tema “Luto” concentra-se nos desdobramentos da morte de Remi na existencialidade de Leo, assim tratando sobre os sentimentos que foram desencadeados, assim como os fatores que prejudicaram e contribuíram para a elaboração desta perda.

4.1. Identidade

4.1.1. A amizade infantil

O filme inicia-se nas férias de verão, estação à qual remete à intensidade da amizade de Léo e Remi. Na primeira cena, eles estão brincando, ambos escondidos em uma estrutura de madeira, Remi com uma espada de brinquedo em mãos, imaginando que estão sendo perseguidos por um grande grupo. Eles fogem, correndo por um campo de flores até chegarem à casa de Remi, e deitarem-se no gramado ao lado da mãe de Remi.

Esta cena demonstra como Leo e Remi, apesar de já serem adolescentes, ainda possuem características que derivam da infância, utilizando o mundo da imaginação em suas brincadeiras. Ademais, o fato deles encontrarem segurança na mãe de Remi deixa explícita a proximidade entre Leo e a família de seu amigo, a qual ele parece considerar como uma extensão de sua família.

Na cena seguinte, Remi está tocando a flauta e Leo compartilha com ele uma fantasia: no futuro, ele poderia ser o seu agente, e eles juntos poderiam ficar *podres de rico*, viajando por todo o mundo, até para a lua! Apesar de ser uma fantasia um tanto quanto infantil, as fantasias sobre o futuro

são comuns principalmente na adolescência, permitindo que o jovem se tranquilize em relação ao seu futuro, o qual é tão incerto (Freire, 2007).

Enquanto Leo ainda vive muito no mundo da fantasia, percebemos que Remi já não consegue sonhar tão alto, respondendo que primeiro ele precisa conseguir tocar a música direito. À vista disso, Remi, o qual é mais tímido e introspectivo, parece afligido por preocupações do mundo adulto que ainda não afetam a Leo. Isto é demonstrado também na cena em que ambos estão dormindo lado a lado e Remi diz que não está conseguindo cair no sono. Ele se mostra ansioso, dizendo que a insônia é “só por causa de meu cérebro. Ele nunca para”. Como resposta, Leo conta uma história para tentar acalmar o seu amigo:

“Imagina que você é um patinho. Você acabou de sair do seu ovo. Você abriu os olhos pela primeira vez. Todos os patos são amarelo e você também, mas você é muito mais bonito do que os outros. Você é especial. Um dia, você decide ir embora e encontra um lagarto. (...) Você acha o lagarto estranho. Mas você gosta dele por que a cor dele é especial, assim como a sua. Um dia, vocês partem juntos e encontram um trampolim. Você começa a pular no trampolim. Pula tão alto que quase alcança as estrelas.”

A história de Leo expressa a admiração sentida por ele em relação a Remi, e o fato dele se sentir aceito e acolhido pelo amigo, apesar de suas peculiaridades. Ademais, também expressa um sentimento de inadequação, uma vez que na história, ambos são “especiais” porém diferentes dos outros. Assim, a história demonstra a identificação e intimidade existente em sua amizade.

4.1.2. Ser “todos” é ser “ninguém”

As aulas de Leo e Remi começam no outono, estação a qual sinaliza o início do afastamento de ambos. No primeiro dia de aula, Remi e Leo se sentem deslocados em meio aos outros grupos, assim, sentam juntos durante a aula e Leo apoia a sua cabeça no ombro de Remi. Logo depois, um grupo de meninas lhes questionam, em meio a risadas, se eles são um casal. Leo diz veementemente que não, e que são apenas melhores amigos, quase irmãos, mas isto não as convence, e elas dizem que está claro que são sim um casal. A partir deste momento, Leo começa a afastar-se de Remi, buscando ser aceito dentro de algum grupo da escola.

De acordo com Freire (2007), a adolescência é o momento em que o ser é apresentado à sua condição existencial, sendo destinado a existir, a ter de ser. Neste sentido inaugura-se à pergunta fundamental de “quem sou eu?”. Estar diante desta pergunta causa grande angústia ao adolescente, uma vez que muitas vezes não se encontram respostas de imediato. Nesse sentido, ele pode buscar tal

resposta por meio de sua relação com-o-mundo, o que pode levar a um encobrimento do si próprio pelo todo, distanciando-se do ser-si-mesmo e absorvendo-se no ser-todos-nós (Oliveira, 2022).

À vista disso, o questionamento de sua orientação sexual causou grande angústia em Leo, uma vez que talvez nem ele ao certo saiba a resposta. A imposição de uma orientação sexual por parte de suas colegas fez com que ele se sentisse pressionado a dar uma resposta à esta pergunta, buscando comprovar que ele não era homossexual através do afastamento de seu amigo. Por conseguinte, ao preocupar-se excessivamente com o que os outros pensam, Leo acaba assumindo uma impessoabilidade, deixando de lado a sua forma mais autêntica de ser, tolhendo sua sensibilidade e afetividade para adequar-se ao coletivo.

Assim, percebe-se que a convocação a responder esta pergunta acerca de sua identidade aponta para vivências do início da adolescência. Essa transição fica clara também, na cena em que Leo e Remi estão na mesma estrutura de madeira do início do filme e Remi tenta replicar a brincadeira dizendo: “Esconda-se! Eles estão atrás de nós!”. Leo responde dizendo: “Eles não estão realmente atrás de nós. vamos para casa.”, o que deixa clara o afastamento definitivo do mundo da infância

É importante notar que as características que Leo busca encobrir a partir do questionamento das colegas são aquelas associadas à feminilidade. Dessa forma, em uma sociedade patriarcal, tais características são comumente desvalorizadas, principalmente quando apresentadas por homens, os quais acabam sendo excluídos e estigmatizados, frequentemente sendo taxados de homossexuais. Então, buscando escapar da rejeição dos colegas, Leo reprime tais características e passa a adotar comportamentos que são valorizados por estarem em acordo com o padrão da masculinidade hegemônica.

Tal repressão se dá de maneira progressiva. Inicialmente, vemos Leo rejeitando demonstrações de afeto em público iniciadas por Remi. Posteriormente, há uma cena em que Leo é alvo de agressões por parte de dois meninos, os quais batem em sua traseira. Em resposta, ele grita e eles respondem “o que? Você gosta, garota”, posteriormente o chamando de “bicha”. A partir dessa cena de violência, observando que muitos dos meninos de sua turma jogam hóquei, ele busca também fazer parte do time.

Depois, há uma cena em que, de maneira semelhante a uma cena inicial, Leo e Remi dormem na mesma cama. Leo decide então, deitar-se na cama de baixo. Porém, quando acorda é surpreendido ao ver que Remi o seguiu, e está dormindo ao seu lado. Ele então, pula em cima de Remi de maneira agressiva, segurando os seus braços. Remi acorda rindo e pergunta por que ele lhe atacou, e ele diz que foi “porque eu quis”. Então, Remi o ataca de volta. Inicialmente, ambos estão rindo como se fosse apenas uma brincadeira, entretanto, Leo passa a demandar que Remi volte a sua cama e a

brincadeira vai ficando progressivamente mais violenta, com mordidas, empurrões e tapas. A cena termina com Remi retornando à sua cama e ambos separados, de costas um para o outro, sinalizando a ampliação da lacuna entre eles.

Esta cena marca uma mudança drástica na identidade de Leo, o qual inicialmente era extremamente delicado e carinhoso com Remi, e passa a agir com violência e agressividade, de maneira a reforçar para Remi que os seus afetos não são bem vindos, uma vez que podem ser confundidos com investidas homoafetivas pelos outros colegas. Tal mudança é comum na socialização masculina, uma vez que os homens crescem sendo desincentivados a desenvolverem habilidades de comunicação e expressão emocional, o que acaba gerando um aprisionamento de emoções e potencializando comportamentos dominadores e agressivos (Nolasco 1993 apud Oliveira, 2022).

À vista disso, a mudança também aparece através da prática esportiva, meio pelo qual Leo consegue, expressar a sua agressividade, afirmar a sua masculinidade e sentir-se pertencente a um grupo. Para o adolescente, o qual é abalado por uma maior consciência em relação à passagem do tempo, o pertencimento a um grupo é de extrema importância, uma vez que o permite acreditar em sua própria viabilidade (Freire, 2007). Os amigos novos de Leo o permitem sentir-se seguro em relação aos ataques de cunho homofóbico uma vez que a sua identidade é perpassada pela identidade coletiva do grupo, e assim, ao associar-se a meninos mais “masculinos”, ele também será visto pelos outros desta forma.

Ao mesmo tempo que Leo quer pertencer a um grupo o qual não acolhe Remi, Leo parece ainda não ter decidido se irá de fato colocar um fim a sua amizade. Sendo a adolescência o momento da inauguração de escolhas às quais respondem a uma diversidade de questões existenciais, Leo se aproxima do grupo de meninos de maneira a construir a sua identidade. Por outro lado, a consequência desta escolha é o distanciamento de Remi, mas Leo não sente-se preparado para lidar com as consequências de suas ações e nem com a sua responsabilidade no deterioramento de sua amizade. Isto fica claro, por exemplo, quando na escola, após a briga, Remi está sozinho e cabisbaixo e Leo se aproxima e pergunta se ele está bem e se está chateado com ele, buscando a aprovação de Remi. Entretanto, na cena seguinte, quando Remi aparece em seu jogo de Hóquei para apoiá-lo e dizer que ele quer juntar-se ao time, Leo responde com silêncio e um olhar de desaprovação. Parece que Leo gostaria de manter a proximidade com o amigo, mas desde que isso não fosse testemunhado pelos demais adolescentes, o que parece inviável. Dessa forma, a dificuldade de Leo em realizar uma escolha e comunicá-la faz com que Remi sintasse-se completamente desamparado e confuso com o seu afastamento.

Os sentimentos de Remi são explicitados para Leo quando ele deixa de acompanhá-lo no seu caminho para a escola, caminho que eles faziam juntos cotidianamente. Remi então, confronta Leo publicamente na escola perguntando onde ele estava. Leo diz que ele só saiu mais cedo e que não foi nada demais. No entanto, Remi não aceita esta resposta e começa a chorar. Leo reafirma que não é nada e pede repetidamente para que ele pare de chorar. Remi então começa a tentar bater em Leo, o qual se defende. A briga é separada e Remi, o qual chora desesperadamente, é contido por uma funcionária da escola enquanto Leo, estando também visivelmente abalado, é acolhido pelo seu irmão mais velho. A próxima cena mostra uma colheitadeira retirando as flores do campo no qual os meninos corriam no início, marcando o fim da amizade e da infância.

4.1.3. A angústia como caminho para a autenticidade

Em sua última briga com Remi, Leo reforça para ele não chorar em público. Esta fala deriva do fato de que socialmente o choro masculino é visto como inadequado, uma vez que a emocionalidade é considerada uma característica feminina. Assim, os homens são pressionados a silenciarem as suas emoções para adequarem-se à masculinidade normativa. Sendo o ser humano um ser-aí, ou seja, um ser de abertura, inacabado, a delimitação da existência dentro de uma única forma de masculinidade limita, reduz e condiciona a vivência humana (Oliveira, 2022). Dessa forma, este silenciamento das emoções e a alteração de sua forma de ser para encaixar em um grupo indica uma restrição existencial de Leo, uma vez que ele não se permite explorar outras masculinidades, vivenciando apenas aquela que é hegemônica, gerando assim um grande sofrimento existencial.

Esta restrição existencial dificulta a elaboração da perda de Remi, uma vez que Leo reprime as suas próprias emoções e o seu próprio choro, buscando pertencer a um novo grupo de amigos e distanciar-se do rótulo imposto a ele. Isto aparece, por exemplo, na cena em que ocorre uma roda de conversa com a professora e a turma de Leo sobre a morte de Remi. Nesta cena, vários dos adolescentes estão emocionados e relatam sobre como lidam com as próprias emoções, especialmente as mais difíceis:

“Eu choro com muita facilidade, não posso controlar. Às vezes, é só começar e eu não consigo... Na verdade, ser forte não quer dizer deixar de chorar.”

Assim, a primeira fala de uma colega de Leo contradiz a sua própria perspectiva, uma vez que ele mesmo evita chorar e sente que isso o faria frágil e o tornaria alvo de críticas. Quando questionado

se ele quer compartilhar o que sente ele diz “Não, está tudo bem”, mesmo ele sendo o colega mais próximo de Remi de sua turma, indicando um receio em nomear e expor os seus sentimentos.

Ainda no inverno, em outra cena, a mãe de Remi o visita em sua prática de hóquei e conversa com ele. Ela aponta para a roupa dele e diz “Isso faz você parecer forte”. Ao mesmo tempo que ela se refere ao uniforme de hóquei, esta fala pode ter um duplo sentido, uma vez que o esporte ocupa este papel masculinizante para Leo, fazendo ele se sentir mais adequado em relação aos outros meninos, e assim, mais forte e viril. Nesse sentido, é no esporte que Leo encontra um meio para expressar toda a sua raiva, ao mesmo tempo que também serve de escape para os sentimentos mais difíceis do luto como a tristeza, a culpa e a saudade. Assim, para a mãe de Remi, ele parece mais forte por não demonstrar todos os sentimentos envolvidos no luto, os quais ela expressa abertamente.

Nestas cenas, evidencia-se um fechamento de Leo para o mundo. Buscando parecer forte, ele esconde os seus próprios sentimentos e não se permite aproveitar de espaços em que ele poderia elaborar a sua perda, como por exemplo a roda de conversa oferecida pela escola. Ademais, ele se fecha inclusive para figuras importantes em sua vida, as quais também estão enlutadas e poderiam servir de apoio, como a sua mãe, o seu irmão e a mãe de Remi. Isto acaba gerando um grande sofrimento em Leo, sofrimento o qual aparece na cena em que após visitar a mãe de Remi, ele chega em casa e tem uma crise de ansiedade. Sua mãe pergunta se está tudo bem e tenta lhe abraçar. Inicialmente, ele diz que está tudo bem e a afasta, mas depois acaba aceitando o acolhimento de sua mãe e se acalma. Durante o processo de luto, não vemos Leo abrindo-se com os seus pais sobre o que está passando, mas sim, negando todos os seus esforços de uma aproximação. Assim, este momento indica uma reaproximação com a sua família, se deixando ser vulnerável com a sua mãe e ser acolhido por ela.

À vista disso, é importante notar, que é apenas diante do sofrimento existencial que o ser-aí apreende a sua condição humana de ser Dasein, é a partir disso que ele pode se questionar: quem sou eu? Como quero ser, viver e me relacionar? (Oliveira, 2022). A morte de Remi faz com que Leo se depara violentamente com a sua própria finitude e com o caráter finito de sua própria existência, conseqüentemente ficando em uma situação de grande angústia. A angústia, como apontada por Werle (2003), permite que o ser-aí coloque-se diante de si mesmo, questionando-se sobre si mesmo e refletindo sobre toda a sua existência, assim, permitindo um processo de singularização. Nesse sentido, a angústia de se deparar com a própria morte pode gerar no ser-aí uma possibilidade de assumir a sua existência singular e autêntica.

A partir do luto pelo corpo e pela identidade infantil, esta terceira perda que ocorre na vida de Leo impulsiona-o a construir um modo de ser mais autêntico. Ao deparar-se com a morte, Leo passa

a sentir-se mais próximo dela, e a necessidade de dar um sentido a própria existência ganha maior urgência. Com isso, ele retoma vínculos que eram importantes para ele, como é visto na cena em que sua mãe lhe acolhe e ele permite ser acolhido.

Este processo de singularização é demonstrada também pelo fato de Leo, aos poucos, não afastar mais o afeto masculino como fez com Remi, mas sim o aceitar, indicando uma mudança em sua perspectiva e em uma maior abertura para vivenciar outras masculinidades. Isto aparece por exemplo, na cena em que Leo e seu irmão mais velho brincam no campo de maneira bastante física, e no final, voltam para casa abraçados. Ademais, ele também passa a dormir na cama junto com o seu irmão nas noites em que não consegue dormir sozinho, algo que ele havia recusado anteriormente com Remi. Em outra cena, ele traz um amigo da escola para dormir em sua casa, o que também indica uma maior abertura para a construção de novos vínculos.

Além disso, a sua maior abertura para vivenciar outras formas de ser-homem permite que Leo consiga, aos poucos, expressar a sua vulnerabilidade. Nesse sentido, é no esporte que Leo antes usava de escudo que finalmente o permite chorar. Em uma partida de hóquei, Leo machuca o seu braço e é levado para o hospital. Enquanto o médico faz o curativo, ele começa a chorar, mesmo dizendo que o machucado não está doendo. Assim, ele permite-se abaixar as suas defesas e chorar pela morte de seu amigo, sendo acolhido e cuidado pelo seu pai e pelo médico, duas figuras masculinas.

Dessa forma, toda a angústia gerada pela morte de seu amigo fez Leo permitir se expressar emocionalmente novamente, retornando a sua forma sensível e afetuosa de ser. Ao mesmo tempo, isto não significa que ele deixou as coisas que ele começou a gostar com os seus novos amigos de lado: Ele continua jogando hóquei e videogames com os amigos. No entanto, ele não é mais invadido pela coletividade, abandonando um modo de ser inautêntico e impróprio a sua existência.

4.2. Luto

4.2.1. A intensidade dos sentimentos

Um dos principais aspectos do luto de Leo é a intensidade dos sentimentos decorrentes da morte de Remi. De acordo com Fukumitsu e Kóvacs (2016), ao deparar-se com a morte de um ente querido por suicídio:

A raiva parece emergir proporcionalmente aos sentimentos de culpa, impotência, frustração e rejeição (...) a intensidade dos sentimentos em relação a quem já morreu parece ser atordoante, pois embora pareça desrespeito para com quem se matou, os enlutados já viveram o rompimento do vínculo antes de o suicídio

acontecer e, por esse motivo, a morte da pessoa foi experimentada com alívio. (Fukumitsu; Kóvacs, 2016, p.9)

Em relação aos sentimentos de Leo, fica claro um sentimento de impotência e de frustração diante da confirmação da morte de Remi. Após receber a notícia, Leo vai correndo para a casa de Remi, e, ao deparar-se com a cena na qual o suicídio foi consumado, chora e volta para a sua casa em silêncio, no escuro, com os olhos ainda marejados. Assim, Leo teve dificuldade de aceitar a notícia, mas ao ter o pior cenário confirmado para ele com os seus próprios olhos, foi intensamente abalado emocionalmente. É o momento em que, pela primeira vez, Leo depara-se pela de maneira drástica com a morte como algo irreversível e incontrolável: não tem como retornar para um momento anterior para fazer as pazes ou nem ao menos para despedir-se de Remi. Enquanto a adolescência é um período que é marcado pela tomada de consciência do caráter transitório da existência e da irreversibilidade da morte, os adolescentes geralmente buscam negar a finitude através de crises, de maneira a reestabelecer o equilíbrio perdido (Freire, 2007). Porém, Leo não consegue fazer o mesmo uma vez que a morte de alguém próximo o coloca inescapavelmente de frente com a irreversibilidade da morte, precisando então lidar com esta perda sem ainda ter desenvolvido os recursos internos necessários.

Para Freitas (2013) é necessário levar em consideração três aspectos do luto para compreender o sentido desta perda para o enlutado. Um destes aspectos é o aspecto particular da relação rompida. Nesse sentido, destaca-se que a natureza íntima e quase simbiótica da amizade entre Leo e Remi, os quais cresceram juntos, o que torna a morte de Remi especialmente impactante. Ademais, pelo fato de Leo e Remi terem se distanciado e brigado nos dias que antecederam a morte, isto pode ter resultado em sentimentos complexos como o alívio e a culpa.

Fukumitsu, Kovács (2016) e Sbeghen (2015) localizaram no discurso de enlutados por suicídio o sentimento de alívio, uma vez que por vezes a relação com o falecido gerava estresse, medo, raiva e ansiedade nos entrevistados, e assim, a morte significava também, o fim de um ciclo de sofrimento. Para Leo, o qual estava buscando distanciar-se de Remi para conseguir se integrar em um grupo na escola, é possível que a morte de seu amigo tenha gerado um certo alívio. Após a morte de Remi, Leo conseguiu finalmente formar novos vínculos sem ter de se preocupar com as cobranças constantes de Remi. Assim, a angústia gerada pelo ter de escolher entre o grupo e Remi, findou-se.

Ademais, um dos sentimentos atrelados ao luto que mais evidenciam-se no filme é a raiva, como coloca para Sbeghen (2015):

Os enlutados sentem raiva do “causador” de sua dor, como se precisasse personificar, nesses casos, a causa da morte para descarregar a imensa culpa que o enlutado sente. A raiva do ente querido também é motivada pelo fato de que quando ele “escolheu” morrer, escolheu também deixá-lo (Sbeghen, 2015, p.77)

À vista disso, a raiva sentida por Remi e expressada por meio da prática esportiva, pode dizer respeito tanto a raiva sentida pelo fato de Remi ter escolhido lhe deixar, assim como a raiva de si próprio pela forma como ele lidou com Remi nas semanas que antecederam ao suicídio. Pelo fato do suicídio de um amigo próximo suscitar tantos sentimentos intensos e, por vezes, contraditórios, Leo utilizou-se do esporte como meio de expressão, mas também de fuga, uma vez que digerir e expressar tais sentimentos verbalmente ainda estava, neste primeiro momento, fora de seu alcance.

4.2.2. A Culpa

Em vista da predominância da culpa no processo de enlutamento de Leo, faz-se necessário destacar tal sentimento para compreender a vivência do protagonista. Para Fukumitsu e Kóvacs (2016):

A culpa é um dos fatores que tornam o luto por suicídio penoso em virtude de ser morte impactante e pelo estigma que carrega. O suicídio desafia a potência da família, pois desperta o pensamento de que algo diferente poderia ter sido feito ou que o sobrevivente deveria ter visto ou previsto, tido cuidado para evitar a morte. (Fukumitsu; Kóvacs, 2016, p.9)

Tal sentimento pode ser intensificado caso algum conflito tenha antecedido o suicídio, de acordo com Sbeghen (2015):

É muito desesperador para a elaboração do processo de luto se um pouco antes da morte houver desentendimentos, mágoas, ofensas. Estes sentimentos persistem após a morte, causando muito sofrimento ao sobrevivente, podendo vir acompanhados de um sentimento de culpa pertinaz, por se julgar o causador da morte do outro. (Sbeghen, 2015, p.49)

Em vista da briga que antecedeu a morte de Remi, Leo responsabiliza-se pela decisão de Remi, acreditando que, se ele não tivesse distanciado-se dele, o suicídio não teria ocorrido. Isto aparece principalmente nas várias cenas em que ele vê a mãe de Remi, uma vez que a presença dela remete a lembrança de Remi e ele sente que deve a ela explicações sobre a morte de seu filho. Uma dessas cenas, é a do funeral: Os pais de Leo o chamam para ir ao enterro mas ele não responde, virado de costas, ele parece não querer ir. No entanto, ele acaba indo, e passa boa parte do evento encarando a mãe de Remi. Logo após o enterro, ocorre uma refeição na casa de Remi, mas Leo recusa-se a ir, provavelmente com receio de encontrar a mãe de Remi.

Apesar de inicialmente Leo evitar qualquer interação com a mãe de Remi, com o decorrer do tempo, ele vai se reaproximando dela. Em uma visita a casa de Remi, após conversarem um pouco e Leo pedir para ver o quarto de Remi, a mãe de Remi pergunta o que aconteceu entre ele e seu filho. Leo imediatamente diz que precisa ir e vai embora para casa. Ao chegar em casa, ele tem uma crise de ansiedade, denotando o impacto que as palavras da mãe de Remi tiveram sobre si. Tal questionamento parece ter soado para Leo, quase como uma acusação, confirmando para ele que a causa da morte foi, de fato, o conflito entre eles. Assim, o sentimento de culpa por não ter conseguido controlar de alguma forma a morte de Remi, de não ter cuidado suficientemente ou de não ter percebido os sinais intensifica-se e impede o seu reerguer diante da perda, como coloca Fukumitsu e Kóvacs (2016):

A culpa é um sentimento que dificulta que o enlutado se reorganize, pois, a sua energia psíquica está sempre voltada para lidar com as consequências emocionais decorrentes da ideia fantasiosa de que a situação poderia ser totalmente diferente do desfecho do suicídio. É maneira de o enlutado se reorganizar na situação desconfortável. Caso a situação não tenha sentido, a culpa e as auto acusações são explicações plausíveis cuja energia é direcionada para o próprio indivíduo. (Fukumitsu; Kóvacs, 2016, p.9)

É importante notar, no entanto, que na perspectiva fenomenológico-existencial, a culpa é inerente a condição humana, assim possuindo um caráter ontológico existencial (Boss, 1977). Isto se dá uma vez que somos “culpados” por sermos quem somos: nosso ser não é dado, nem determinado, somos construídos através das escolhas que fazemos, e ao realizarmos uma escolha, outra possibilidade deixa de ser elegível (Holzhey-Kunz, 2018). Nesse sentido, a culpa sentida por Leo vai além do sentir-se responsável pela morte de Remi, mas sim perpassa todas as suas escolhas: a decisão de afastar-se de Remi, a decisão de fingir para Remi que o seu afastamento era apenas “coisa de sua

cabeça”, a decisão de não contar a mãe de Remi sobre o conflito entre eles, a decisão de não abrir-se emocionalmente em relação ao seu luto com os seus pais, professores e colegas, entre outros.

À vista disso, para Paleari e Gontijo (2021) “quanto mais o sentimento de culpa aumenta, mais se torna insuportável, o que leva a um proceder ainda mais culposo” (p.56). Este ciclo vicioso é visível no processo de enlutamento de Leo, uma vez que ele busca sempre escapar da culpa que sente pela morte de Remi, evitando a mãe de Remi e não se permitindo falar sobre o conflito que antecedeu a sua morte com ninguém, o que apenas intensifica o sentimento. Nesse sentido, para lidar com a culpa de maneira a torná-la suportável, é necessário o desenvolvimento de recursos internos através da compreensão adequada da culpa como condição humana básica (Boss, 1977). Assim, Leo deve ser capaz de entender que é “culpado” por realizar as suas escolhas, uma vez que elas são de sua responsabilidade. No entanto, também é necessário levar em consideração que o futuro é imprevisível e incontrolável e, portanto, não haveria como ele ter previsto a tragédia que iria ocorrer. Agora, cabe a ele apenas abrir-se e aceitar as possibilidades que se manifestam no momento, realizando as suas escolhas de acordo com o que é mais coerente em relação ao seu modo de ser. A partir disso, é possível “aceitar a própria condição falível do ser humano e, conseqüentemente, libertar-se do remoer do passado para estar aberto ao futuro” (Paleari; Gontijo, 2021, p.56) .

Dessa forma, é apenas ao aceitar a impossibilidade de mudar o passado ou controlar o futuro, que Leo será capaz de reorganizar-se frente à morte de Remi e abrir-se para gozar de suas possibilidades de vida de maneira livre e responsável, e de acordo com sua própria consciência, em vez de uma consciência alheia e imposta. Esta aceitação só é possível quando Leo abre-se para a mãe de Remi e revela a ela toda a culpa que havia internalizado. Na cena em que isto ocorre, Leo está no carro com a mãe de Remi, a qual está o levando para casa após ele ter ido atrás dela em seu local de trabalho. Ele revela então: “Foi por minha causa. A culpa foi minha. Eu afastei ele.”. Neste momento, ela para o carro e Leo começa a chorar. Também comovida e com raiva de Leo, ela manda ele sair do carro. Ele imediatamente sai correndo e, logo depois, ela vai atrás dele, chamando-o pelo seu nome. Quando ela o encontra, ele está com um galho em sua mão, com medo de ser agredido por ela. No entanto, ela se aproxima dele lentamente e lhe dá um forte abraço, acolhendo-o em seu choro. Assim, a mãe de Remi acolhe Leo em sua culpa com compaixão, sem julgá-lo, mas também sem precisar dizer a ele que ele “não é culpado”, e, portanto, sem isentar ele de responsabilidade pelas suas escolhas. Por outro lado, é possível pensar que ela também o perdoa por compreender que nenhum dos dois é de fato “culpado” ou responsável pelas escolhas realizadas por Remi, uma vez que eles podem apenas preocupar-se com as suas próprias escolhas e com as possibilidades que estão presentes no aqui e agora. Então, deixando de lado a fantasia de mudar o passado, parece que ambos

se abrem para o futuro, abraçando a possibilidade de uma reconstrução deste vínculo afetivo que havia se deteriorado com a morte de Remi.

Para Holzhey-Kunz (2018) é apenas através do reconciliar-se com a culpa ontológica que o Dasein pode assumir um modo de ser autêntico. Isto se dá uma vez que a impessoalidade permite que o ser-aí experimente modos de ser predefinidos para lidar com determinadas situações, assim retirando dele a sua responsabilidade e distanciando-se do lidar com si-mesmo. Assim, é apenas ao responsabilizar-se diante de suas escolhas e assumir que é culpado pela construção de seu projeto existencial que Leo consegue retirar-se da impessoalidade da masculinidade hegemônica e mergulhar em novas formas de ser, retomando vínculos com pessoas importantes em sua vida e conseguindo assumir uma versão mais autêntica de si. Tal retomada de vínculos, é vista não apenas com a mãe de Remi, mas também com os seus familiares, principalmente com o seu irmão, uma das poucas figuras com o qual Leo consegue se abrir emocionalmente e demonstrar afeto no decorrer do seu enlutamento.

4.2.3. A busca por respostas

De maneira a simultaneamente tentar distanciar-se da culpa que sente pela morte de Remi e significar a sua perda, ao decorrer de seu enlutamento, Leo constantemente busca entender como e por que Remi se foi. Em relação à esta busca, Sbeghen (2015) diz:

O suicídio de um ente querido é vivenciado como um fenômeno enigmático, sobre o qual os sobreviventes em luto buscam respostas. Aparecem interrogações que não são e nem poderão ser inteiramente respondidas, tais como: o que o (a) levou a fazer tal escolha? Por quê ele ou ela quis morrer? O que estava tão difícil de aguentar? A falta de respostas para tais questionamentos deixa uma lacuna, visto que os reais motivos jamais poderão ser descobertos, pois quem morreu fez nascer um enorme silêncio sobre si, sobre suas intenções e sobre os sentidos que foram atribuídos à sua morte (Sbeghen, 2015, p.69).

A primeira cena em que vemos Leo buscando entender o que aconteceu é quando ele pergunta a uma professora quem é que encontrou o corpo de Remi. A professora responde que foi a sua mãe. Apesar de saciar a sua curiosidade, a resposta não lhe dá uma resolução, e pode ter intensificado o seu sentimento de culpa por sentir-se causador da morte de Remi e, conseqüentemente, causador da dor experienciada pela sua mãe, com a qual tem uma relação de grande proximidade.

Posteriormente, há uma cena em que Leo urina em sua cama enquanto dorme. Ele então, acorda, troca de roupa e vai deitar na cama de seu irmão mais velho. Com isso, seu irmão acorda e pergunta o que foi. Leo então, pergunta a ele se ele acha que Remi sofreu, e seu irmão responde que não sabe. Ele questiona então se ele acha que Remi deixou alguma coisa, e ele novamente responde que não sabe, e pede para que ele tente dormir e parar de pensar nisso. Isto revela que, mesmo no sono, Leo não consegue escapar das milhares de perguntas e sentimentos intensos acerca da morte de seu amigo, a qual deixou uma lacuna em aberto que ele não consegue fechar. Esta lacuna, é então preenchida pelas autoacusações, assim como as fantasias e medos sobre como deve ter ocorrido a morte: Como será que ele estava se sentindo? Será que ele sofreu? Será que ele falou com alguém antes? Na busca por algum alívio, ele sente a necessidade de saber se Remi deixou algo para trás, algo que talvez possa inocentá-lo de sua culpa, ou até mesmo confirmá-la.

Tempos depois, Leo visita a mãe de Remi em sua casa e pede para ver o quarto dele. Ele observa atentamente aquele espaço no qual tantas vezes dividiu risadas e sonhos com Remi, investigando os vestígios deixados por ele para tentar encontrar uma explicação para o que aconteceu. Enquanto Leo observa alguns brinquedos e desenhos amassados na mesa, a mãe de Remi diz que “procurou por toda parte” a razão de seu filho ter tirado a sua própria vida, mas não encontrou nada. Assim, Leo não consegue a explicação que tanto busca, nem consegue inocentar a si mesmo através de “provas” concretas: não há explicação, e ele é o único que pode dar um sentido para esta perda dentro de sua própria vida, este sentido não virá de terceiros, nem mesmo de seu amigo falecido.

4.2.4. Silêncio e Solidão

Sbeghin (2015) aponta que muitas vezes, a dor da perda é tamanha que o sobrevivente acaba preferindo a reclusão, não sentindo mais o mesmo prazer que tinha da convivência com familiares e amigos. Após morte de Remi, Leo passa a se isolar, inicialmente não se abrindo emocionalmente com os seus familiares, amigos e professores. Fukumitsu e Kóvacs (2016) relacionam este isolamento com o estigma do suicídio, uma vez que é dessa forma que muitos sobreviventes evitam julgamentos e constrangimentos.

Este fechamento de Leo em relação aos seus sentimentos é perpassada tanto pela questão de gênero, vide item 4.1.3, como pela forma com que a questão do luto é tratada no atual horizonte histórico-cultural. Assim, de acordo com Freitas (2013), nas sociedades ocidentais contemporâneas, a morte é tratada como tabu, e assim, exige-se frequentemente dos enlutados a discrição de suas emoções e de seu sofrimento. No filme, isto se mostra, por exemplo, no retorno rápido de Leo à escola

após a morte de Remi, não permitindo-se vivenciar este luto em sua totalidade uma vez que as cobranças sociais e acadêmicas não dão espaço para este processo. Ao mesmo tempo, pelo fato da morte por suicídio ser especialmente estigmatizada, o luto por este tipo de morte é mais reprimida do que outros tipos de luto (Freitas, 2013). Nesse sentido, o fato de Leo não se abrir para com os outros, também relaciona-se com o receio de ser incompreendido e julgado pelos outros, assim como de ser colocado como culpado pela morte de seu amigo. Ademais, pelo fato de Leo ter sido o único amigo próximo de Remi na escola, ele não sente que os seus amigos entenderão o seu sofrimento, e assim acaba se isolando.

A solidão e o isolamento de Leo tornam-se evidentes na cena em que a professora organiza uma roda de conversa com a turma de Leo para conversarem sobre as memórias que os seus colegas tem acerca de Remi. Os colegas de Leo compartilham que Remi era muito gentil, muito alegre e que ele “sempre estava feliz”. Leo questiona esta afirmação perguntando “Como você sabe disso? Você acha mesmo que ele estava sempre feliz?” O menino então, solta um suspiro que soa como uma risada para Leo, e ele indaga com raiva “O que? Você acha que isso é engraçado?”. A professora pede que ele se acalme por que todos devem poder expressar os seus sentimentos. Então, Leo sai da sala de aula. Dessa forma, é visível como Leo está com os sentimentos a flor da pele, agindo de maneira defensiva por sentir que os colegas não compreendem a intensidade de seus sentimentos, e que estão inclusive, achando graça de sua revolta.

Para Leo, estava claro que Remi não estava sempre feliz: ele presenciou momentos em que Remi estava muito ansioso e não conseguia dormir, em que ele frustrava-se com as suas capacidades musicais e a angústia de Remi com o fim da amizade. Apenas ele estava presente nestes momentos, o que o distancia ainda mais dos seus outros colegas, uma vez que ele está vivenciando o rompimento de um vínculo que lhe é particular e, portanto, um enlutamento único e que o diferencia dos demais. Ele então, sente-se completamente desamparado e sozinho em seu ciclo social, o que acaba por dificultar a elaboração adequada de sua perda.

4.2.5. A rede de apoio

À vista da estigmatização do enlutamento por suicídio, a presença de uma rede de apoio para acolher o enlutado ganha uma relevância ainda maior, uma vez que, sem este apoio, ele pode acabar sentindo-se hostilizado e desamparado frente às cobranças e julgamentos. Sbeghen (2015) aponta que a importância da presença afetiva de familiares e amigos na vivência do luto aparece recorrentemente no discurso dos enlutados. Para Leo, vemos que este acolhimento parte de três principais figuras: da sua mãe, de seu irmão e da mãe de Remi.

Em relação à sua mãe, é ela que conta a notícia para Leo e o acolhe em um momento inicial. No dia seguinte, Leo não quer comer no café da manhã mas ela insiste para que ele ao menos beba algo e pede para que deixe seu irmão o levar para a escola de moto para que não vá sozinho. Em outra cena no mesmo dia, ela confirma com ele se ele tem certeza que já quer voltar a praticar hóquei, assim não pressionando-o a voltar para as suas atividades cotidianas de imediato. Posteriormente, quando Leo tem uma crise de ansiedade após visitar o quarto de Remi, ela consegue lhe acolher, mesmo com sua resistência. Dessa forma, mesmo com a dificuldade que Leo tem em se abrir emocionalmente com os outros, sua mãe demonstra apoio ao lembrá-lo de se cuidar e estar atenta aos seus sinais de sofrimento, estando ali por ele em alguns de seus momentos mais desafiadores.

Leo se apoia com bastante frequência em seu irmão, o qual o acolhe e deixa ele dormir em sua cama nas noites em que ele não consegue adormecer sozinho. Um exemplo disso é quando ele dorme com o seu irmão e pergunta para se ele acha que Remi sofreu e se ele acredita que Remi tenha deixado alguma coisa. Em outra cena, também na cama de seu irmão, Leo diz que sente falta de Remi, e seu irmão lhe abraça. Nesse sentido, Leo encontra amparo no irmão para sua vivência do luto, além de que é através de sua relação com o seu irmão que Leo consegue vislumbrar outras formas de vivenciar a masculinidade e, consequentemente, consegue expressar os seus sentimentos com maior abertura, uma vez que sabe que será acolhido por ele.

Por fim, a mãe de Remi também é uma figura importante na vida de Leo, e a sua reconciliação com ela é que permite que ele aceite a passagem de Remi com maior leveza. Enquanto Leo se sente incompreendido em seu luto em relação aos seus colegas, ele compartilha uma experiência similar com a mãe de Remi, uma vez que ambos eram as pessoas mais próximas do falecido. Dessa forma, o vínculo e a compreensão mútua abrem possibilidade para um enfrentamento desta perda de forma compartilhada, mesmo que em meio a sentimentos ambíguos. Ainda, estar de frente com alguém que possui dores similares a dele, permite que ele encare as suas próprias dores. Isto se mostra principalmente na cena em que ambos se abraçam após Leo revelar a briga que precedeu a morte de Remi. Leo, ao verbalizar a culpa que sente pela morte de Remi, coloca a mãe de Remi frente a sua própria culpa, assim gerando uma identificação entre os dois. A mãe de Remi compreende o vazio que ele carrega e, ao acolhê-lo e perdoá-lo implicitamente, permite que Leo se perdoe e lide com a perda de maneira menos culposa.

4.2.6. A Saudade

Para Freitas (2013) o luto ocorre com o desaparecimento do outro em sua corporeidade, assim ocorrendo uma ruptura da intercorporeidade entre o enlutado e seu ente querido, exigindo do enlutado então, novas formas de ser-com (Freitas, 2013). Para Carneiro (2017) o luto é um caminho para que o enlutado consiga manter existente o ente querido ausente. Nesse sentido, o luto manifesta a existência do falecido por meio de representações que se inscrevem nas memórias construídas, permitindo assim, a formação de um elo com quem foi perdido. Então, apesar de não compartilhar mais o mesmo mundo, o outro continua apresentando-se através das lembranças, desejos e momentos partilhados: é uma presença que se manifesta em sua ausência. A saudade, então, pode ser compreendida como uma presença-ausente, que permite uma coexistência com quem se foi (Freitas, 2013).

À vista disso, em diversas cenas, vemos Leo em situações que remetem a Remi, com um olhar pensativo, provavelmente relembando suas vivências com o amigo. Um exemplo disso é a cena em que Leo se sensibiliza com um concerto no qual Remi estaria tocando se estivesse vivo. Ademais, isto também aparece na cena em que ele visita a casa de Remi e pede para ver o seu quarto, ele observa atentamente todos os brinquedos e desenhos de Remi. Nesta cena, ele encosta em um tanque de guerra de brinquedo, possivelmente pensando nas vezes em que o próprio Remi esteve com aquele brinquedo em suas mãos. Em outro momento, após o fim do semestre e o início das férias de verão Leo vai para uma confraternização na casa de um de seus amigos, todos os meninos estão rindo e se divertindo, mas Leo está silencioso e pensativo, com os olhos marejados. Tendo em vista que no ano passado, Leo passou todos os dias de suas férias se divertindo com Remi, é provável que as primeiras férias de verão sem Remi tragam sentimentos ambíguos e uma intensificação da saudade sentida por ele.

Isto posto, a coexistência com Remi não se dá mais através da intercorporeidade mas sim através dos sentidos partilhados, mas estes estão desconexos e exigem novas maneiras de serem vivenciados e significados. São nos momentos em que se manifesta a saudade então, que Leo busca estabelecer um contato com Remi, não mais através do contato físico mas sim através da memória, dando um sentido aquilo que foi vivido em conjunto e ressignificando a sua relação com ele.

No entanto, não é apenas a relação com Remi que exige ressignificação, mas também, a relação de Leo com si mesmo. Para Freitas (2013) o outro é co-presença, fazendo parte do campo da subjetividade e remetendo a minha forma de ser-no-mundo. Com a morte do ente querido, perde-se um modo de se abrir para o mundo, a qual era particular daquela relação. Nesse sentido, a morte de

Remi no campo existencial de Leo demanda dele uma nova forma de ser-no mundo. Não ocupando mais o posto de “melhor amigo de Remi” é necessário aprofundar os seus outros vínculos, construindo novos vínculos com os seus colegas da escola e se reaproximando de seu irmão e da mãe de Remi, relações as quais também são modificadas com o luto partilhado. Ademais, a perda fez com que Leo tivesse que lidar consigo mesmo, reavaliando o seu modo de ser-com e enfrentando os sentimentos que ele reprimia anteriormente. A partir disso, então, ele consegue reconstruir a sua própria identidade, não mais sendo engolido pela culpa e pela necessidade de adequar-se ao coletivo, existindo então de forma mais autêntica.

No final do filme, Leo retira o gesso do seu braço: As suas feridas físicas, assim como as emocionais, cicatrizaram. Ele passa pela casa de Remi e ela está vazia. Leo encara este vazio, encostando as mãos no vidro da casa como se estivesse vislumbrando todos os momentos passados vividos ali naquele espaço. Depois, ele corre sozinho por um campo de flores, não mais com Remi como no início do filme. Ele para no meio do campo e olha para trás, com um semblante ambíguo, e depois continua andando em frente, indicando que apesar da dor da perda e a intensa saudade ainda persistirem, é preciso seguir adiante, mantendo o vínculo com Remi apenas por meio da memória.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Close* (2022) mostra de forma sensível e bastante profunda as vivências de Leo. A partir da história de Leo fica evidente como a construção da identidade na adolescência pode ser impactada pela perda de um ente querido. Nesse sentido, Leo, buscando pertencer a um grupo, havia tolhido a sua sensibilidade e afetividade, delimitando a sua existência dentro de uma única forma de masculinidade. Entretanto, com o suicídio de Remi, esta restrição existencial torna-se insustentável, uma vez que a repressão de suas próprias emoções impede uma elaboração adequada da perda, causando em torno, um grande sofrimento existencial. Dessa forma, é a partir da angústia suscitada pela perda que Leo consegue abrir-se para vivenciar outros modos de ser-homem.

À vista disso, inicialmente Leo se isola, não se abrindo emocionalmente com os outros sobre a sua dor. Isto reflete a forma como o luto é tratado como tabu nas sociedades ocidentais contemporâneas, exigindo que os enlutados sejam discretos acerca de seu sofrimento (Freitas, 2013). Ainda, no caso dos homens em particular, o luto pode ser ainda mais reprimido, uma vez que é perpassado pela questão da masculinidade hegemônica. O luto por suicídio, por ser um tipo de luto especialmente estigmatizado, dificulta ainda mais uma reconciliação, uma vez que o enlutado pode isolar-se buscando evitar julgamentos ou constrangimentos. Por outro lado, no filme, a retomada dos vínculos com os seus familiares e amigos aparece como algo indispensável para a elaboração da perda de Leo, o qual passa a, aos poucos, abrir-se emocionalmente.

Além disso, em relação ao luto por suicídio, no filme, destacou-se a intensidade dos sentimentos suscitados, os quais incluem a frustração, a culpa, a impotência, a raiva e o alívio. Estando na adolescência, período em que geralmente ganha-se consciência acerca da irreversibilidade da morte, a violência com a qual Leo depara-se com a finitude acaba o desestabilizando ainda mais. Ainda, o impacto da perda de Remi é especialmente impactante para Leo devida a natureza íntima de sua amizade e a briga que precedeu a morte de Remi.

Nesse sentido, o sentimento de culpa apareceu como predominante no processo de enlutamento por suicídio de Leo, o qual sentiu-se responsável pela morte de seu amigo. Por outro lado, a culpa pode ser entendida como inerente a condição humana, uma vez que, sendo o futuro incontrollável e imprevisível, o ser humano é sempre falível em suas escolhas. Assim, é apenas através da aceitação da impossibilidade de mudar o passado e de controlar o futuro, que Leo consegue reconciliar-se com a sua culpa e reorganizar-se frente à morte de Remi.

Através da busca do protagonista por respostas, o filme demonstrou como o enlutamento por suicídio deixa o sobrevivente com uma quantidade incansável de perguntas: Por que ele quis morrer? Será que ele sofreu? Será que eu poderia ter feito alguma coisa para evitar que isso acontecesse? No entanto, tais perguntas frequentemente não possuem resposta, exigindo que o enlutado dê um sentido próprio para aquela perda, mesmo sem ter clareza dos detalhes que circunscreveram aquela morte. Tal significação, não se dá então, através de fatos concretos, mas sim por meio das memórias construídas, as quais permitem que o enlutado coexista com quem se foi, não mais através da intercorporeidade, mas através dos sentidos partilhados que foram ressignificados com a morte.

É importante pontuar que esta pesquisa foi realizada através da análise fílmica de um longa-metragem belga. Assim, sendo o luto um fenômeno que varia de acordo com o horizonte histórico-cultural em que ele ocorre, os aspectos do enlutamento aqui descritos não necessariamente englobam aqueles vivenciados por adolescentes brasileiros. Nesse sentido, a realização de futuras pesquisas abrangendo adolescentes brasileiros poderia fornecer uma ampliação e aprofundamento no conhecimento desta temática.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Tania Maria. Luto normal e complicado. In: PANTANO, Telma; LOTUFO NETO, Francisco (Ed.). *Saúde mental e psicopatologias para a equipe de saúde*. 1. ed. São Paulo: Manole, 2024. Cap. 14.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.
- BONADIMAN, Cecília Silva Costa.; NAGHAVI, Mohsen.; MELO, Ana Paula Souto Melo.. The burden of suicide in Brazil: findings from the Global Burden of Disease Study 2019. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 55, p. e0299–2021, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/TBRQbbMCJGFwNQDK8WVzmSQ/>>
- BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. Tradução Barbara Spanoudis. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002&lng=pt&nrm=iso>.
- CABESTAN, Philippe. Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jun. 2023
- ESPOSITO-SMYTHERS, Christianne; SPIRITO, Anthony. Adolescent substance use and suicidal behavior: A review with implications for treatment research. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, v. 28, n. 5, p. 77-88, 2004. DOI: 10.1097/01.ALC.0000127417.99752.87.
- FERNANDES, Fabiana Yanes et al. Tendência de suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 4, p. e2020117, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/DnvLKC5ptmJTKL668MZMXcj/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400025>. ISSN 2237-9622.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FRANCO, Maria Helena Pereira. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus Editorial, 2022.

FREIRE, Carlos Eduardo Carvalho. Juventude e atualidade: alguns elementos fenomenológicos para compreendermos a adolescência. Artigo baseado em palestra apresentada no Seminário Juventude e Atualidade, promovido pela Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), em dezembro de 2007.

FREITAS, Gisleine Vaz Scavacini; BOTEGA, Neury José. Gravidez na adolescência: Prevalência de depressão, ansiedade e ideação suicida. *Revista da Associação de Medicina Brasileira*.v. 48, p.245-249, 2002. DOI: 10.1590/S0104-42302002000300039.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia , v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso>

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKUMITSU, Karina Okajima; KOVACS, Maria Júlia. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico (Porto Alegre)*, Porto Alegre , v. 47, n. 1, p. 03-12, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 nov. 2024. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>.

GONÇALVES, Jaqueline de Moraes. Orientador: Hélio Roberto Deliberador. [s.l: s.n.]. *Adolescência como inauguração de escolhas!*, 2015. Disponível em: <<http://www.psicologiaemacao.com.br/arquivos/artigo-adolesc%C3%A2ncia-como-inaugura%C3%A7%C3%A3o-de-escolhas.pdf>>.

HIRATA, Edson Shiguemi. Síndromes depressivas e ideação suicida. In: PANTANO, Telma; LOTUFO NETO, Francisco (Ed.). *Saúde mental e psicopatologias para a equipe de saúde*. 1. ed. São Paulo: Manole, 2024. Cap. 27.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Traduzido por Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018

KOVÁCS, Maria Júlia. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 18, n. 41, p. 457-468, set. 2008.

MERCY, James A. et al. Is suicide contagious? A study of the relation between exposure to the suicidal behavior of others and nearly lethal suicide attempts. *American Journal of Epidemiology*, v. 154, n. 2, 2001. DOI: 10.1093/aje/154.2.120.

MOREIRA, Luciana Cristina de Oliveira; BASTOS, Patrícia Rodrigues Hoffmann de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n. 3, p. 445–453, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/d6wbJxC3KF5QZ7sJb67kVPr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2024.

OLIVALVES, Luis Fernando. Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de homens gays. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/17000>. Acesso em: 20 set. 2023.

OLIVEIRA, Natália Marina de. Masculinidade hegemônica: um olhar fenomenológico-existencial. 2022. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Thayane Cristine Amaral; BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Contribuições da fenomenologia Husserliana para a Psicologia Clínica. *Rev. NUFEN*, Belém, v. 11, n. 3, p. 154-169, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jun. 2023.

OMS. Child and adolescent health and development, 2009. Disponível em: <<http://www.who.int/child-adolescent-health/>>

PALEARI, Ana Paula Gasparotto; GONTIJO, Sandro Rodrigues. Fenomenologia da culpa: da crítica ao modelo metafísico a uma clínica da culpa. *Revista Outro Pensar*, v. 1, n. 1, 08 fev. 2023. Disponível em: <https://outropensar.org/ojs/index.php/revista/article/view/19>. Acesso em: 02 nov. 2024.

PANTANO, Telma; LOTUFO NETO, Francisco. *Saúde mental e psicopatologias para a equipe de saúde*. 1. ed. São Paulo: Manole, 2024.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. *Desenvolvimento Humano*. AMGH, 2021.

SANTOS, Macson Silva dos. ANGÚSTIA, ADOLESCÊNCIA E REESTRUTURAÇÃO DE SELF NA ÓTICA HUMANISTA-EXISTENCIAL. *Psicologia.Pt*, p. 1-13, 25 jun. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?angustia-adolescencia-e-reestruturacao-do-self-na-otica-humanista-existencial&codigo=A1092> Acesso em: 03 abr. 2023.

SBEGHEN, Edson Pilger Dias. Uma compreensão fenomenológica da vivência dos enlutados do suicídio. Maringá, PR: [s.n.], 2015. Disponível em:

http://old.ppi.uem.br/Dissert/PPI_UEM_2015_Edson%20Pilger.pdf. Acesso em: 02 nov. 2024.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 101–108, jan. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/?lang=pt>>

SILVA, M. W. da; FRANCO, E. C. D.; GADELHA, A. K. O. A.; COSTA, C. C. .; SOUSA, C. F. de. Adolescence and Health: meanings assigned by adolescents. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e27510212482, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12482. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12482>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SILVA, Gabriela Palu da; MÜHL, Camila. A experiência da branquitude no Brasil uma análise do filme “Que horas ela volta”. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 82–94, 2023. DOI: 10.62506/phs.v4i2.170. Disponível em:

<https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/170>. Acesso em: 2 nov. 2024.

WERLE, M. A.. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, v. 26, n. 1, p. 97–113, 2003. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/abstract/?lang=pt>>

WHO. Preventing Suicide: a global imperative. World Health Organization, 2014. Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf?sequence=1. Acesso em: 04 abr. 2023.

WHO. Suicide worldwide in 2019. Disponível em:

<<https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>>.

WHO. Suicide rates. Disponível em: <https://www.who.int/data/gho/data/themes/mental-health/suicide-rates>. Acesso em: 03 abr. 2023.